

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

MIKELLY SIMÕES NEPONUCENO

***TRAVECAÇÕES E TRANSVESSIAS* COM OS COTIDIANOS ESCOLARES:
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA PROFESSORA TRAVESTI**

Manaus – AM
2025

MIKELLY SIMÕES NEPONUCENO

***TRAVECAÇÕES E TRANSVESSIAS COM OS COTIDIANOS ESCOLARES:
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA PROFESSORA TRAVESTI***

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, sob orientação do Prof. Dr. Leonardo Ferreira Peixoto.

Manaus – AM
2025

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

N441t	Neponuceno, Mikelly Simões Travecações e transvessias com os cotidianos escolares : narrativas autobiográficas de uma professora travesti / Mikelly Simões Neponuceno . Manaus : [s.n], 2025. 80 f. : ; 21,0 cm. Dissertação - Mestrado Acadêmico em Educação- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025. Inclui Bibliografia. Orientador: Peixoto, Leonardo Ferreira. 1. Travecações. 2. Transvessias. 3. Travesti. 4. Cotidiano. 5. Educação. I. Peixoto, Leonardo Ferreira (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título CDU(1997)378(043.3)
-------	---

MIKELLY SIMÕES NEPONUCENO

***TRAVECAÇÕES E TRANSVESSIAS COM OS COTIDIANOS ESCOLARES:
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA PROFESSORA TRAVESTI***

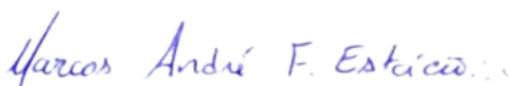
Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, sob orientação do Prof. Dr. Leonardo Ferreira Peixoto.

Manaus, 08 de maio de 2025.

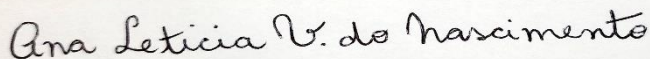
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Leonardo Ferreira Peixoto
Universidade do Estado do Amazonas
Presidente



Prof. Dr. Marcos André Ferreira Estácio
Universidade do Estado do Amazonas
Membro Titular Interno do Programa



Profª Drª. Ana Leticia Vieira do Nascimento
SEMED – Nova Iguaçu/RJ
Membro Titular Externo do Programa

Às que vieram, às que aqui estão e às que
virão...

AGRADECIMENTOS

Confesso que foi depois que decidi transicionar, assumir meu viver travesti, que me percebi mais grata. Algumas pessoas me disseram que os hormônios potencializam também o que eu tinha lá dentro, adormecido. O reconhecimento de agradecer por todas as coisas que acontecem é uma das boas, de certeza!

Primeiramente, gostaria de agradecer ao meu papai e minha mamãe – eles amam quando são chamados desse jeito. Seu Miguel e dona Maria do Socorro, mais uma vez, agradeço por toda a dedicação, paciência, tempo, dinheiro e afeto investidos em mim. Um dos meus desejos mais profundos continua sendo o de fazer vocês felizes assim como vocês vêm me fazendo, na tentativa de aprender também a *travecar* comigo. Sou muito privilegiada de ter a acolhida e apoio de vocês, independente de qualquer coisa. Minhas conquistas são também de vocês. Obrigada também à minha família, especialmente aos meus irmãos, sobrinhos e cunhada, os amo muito!

Ao Ney e Gal, meus amores.

A todas as pessoas que fizeram parte da minha caminhada desde quando vim ao mundo pela segunda vez, verdadeiramente. Em especial ao Marcelo, Rhoger, Cris, Paloma, Ariel, Isabella, Lucas, Maia obrigada independente de caminhos que seguem por rotas diferentes. O carinho SEMPRE permanecerá.

Às minhas colegas professoras Caroline, Aimee, Isabela, Dayse, Delzuita por escutarem minhas angústias e por me ensinarem também a viver minha mulheridade enquanto professora.

À comunidade trans* e travesti do mundo inteiro, especialmente a Maresia, Ariel, Raiana, Louise, Daniê, Maya e tantas outras que foram e continuam a ser inspirações e motivação para continuar a lutar. Agradeço imensamente à Cristina La Veneno, a Brenda Lee e a todas que já partiram, mas deixaram seu legado, do qual orgulhosamente faço parte.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEd da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, por todo o conhecimento compartilhado, momentos de formação maravilhosos, pelo apoio e acolhida. Encontros fundamentais para a minha formação. Muito obrigada!

Ao professor Dr. Leonardo Ferreira Peixoto que orientou minha pesquisa e foi de suma importância não somente no que diz respeito a esse trabalho, mas também no meu

processo de transição. Obrigada pelas conversas, pela liberdade e pela confiança em mim, coisa que aprendi a ter, mesmo que um pouco, através de você. Obrigada!

Às professoras e professores que compõem a banca pela disponibilidade, pelo tempo dedicado à leitura deste texto e pela troca que de certo é honesta e construtiva. Muito obrigada!

Aos meus colegas do grupo de pesquisa Ama(R)zonas e aos colegas da turma de Mestrado: tantas perturbações, não é? Muito boas as trocas que tivemos ao longo desse período formativo. Passar por momentos difíceis tendo a companhia de vocês, deixou tudo um pouco mais leve. Obrigada!

A todas/es/os estudantes que caminharam e caminham comigo desenhando muitas *transvessias*. Eu aprendo tanto com vocês! Obrigada, apesar do estresse.

E por fim, agradeço a quem fui. O mestrado se tornou meu sonho por tua causa. Às vezes sinto tua falta, mas sei que estaria feliz vendo quem tu se permitiste ser. Demorou, mas teu medo não venceu. Obrigada por ter tido coragem e se permitir. Tua vida era mais fácil antes, hoje eu sei, mas a felicidade que explode me preenchendo não tem como comparar. Te amo aprendendo a me amar.

RESUMO

A pesquisa, que tem como método a pesquisa nos/dos/com os cotidianos, parte das vivências de uma professora travesti e tem como intenção apresentar reflexões sobre Educação sob suas perspectivas, muitas vezes silenciada por diversas circunstâncias. A autora propõe dois conceitos que ajudam a alcançar os objetivos da pesquisa: *travecações* e *transvessias*. O primeiro, traz a dimensão individual e ao mesmo tempo coletiva, que se refere aos processos de transição de gênero de pessoas trans* e travestis. O segundo, complementando o primeiro, apresenta '*fazerespensares*' que surgem a partir das conversas com os '*espaçostempos*' que compõe o trajeto que a pesquisadora percorre de sua casa à escola e com os que ela percorre dentro da escola e em sala de aula. A estrutura da escrita da pesquisa se fundamenta em alguns dos movimentos necessários às pesquisas nos/dos/com os cotidianos, especialmente o chamado 'narrar a vida e literaturalizar a ciência' na tentativa de apresentar uma perspectiva travesti sobre a Educação, práticas pedagógicas e ensino e, conseqüentemente, 'ir além do sabido', 'mergulhando com todos os sentidos' nessas *travecações* e *transvessias* que podem contribuir na construção de uma realidade que aprende a entender que as diferenças, que nos tornam quem somos, são potências.

Palavras-chaves: *travecações*, *transvessias*, travesti, cotidiano, educação.

ABSTRACT

The research, which uses the method of research in/of/with everyday life, is based on the experiences of a trans teacher and aims to present reflections on education from her perspective, which is often silenced due to various circumstances. The author proposes two concepts that help to achieve the objectives of the research: *travecações* and *transvessias*. The first brings the individual and at the same time collective dimension, which refers to the gender transition processes of trans* and travesti people. The second, complementing the first, presents 'making-thoughts' that arise from conversations with the 'spaces-times' that make up the path that the researcher travels from her home to school and with those that she travels with inside the school and in the classroom. The writing structure of the research is based on some of the movements necessary for research in/of/with everyday life, especially the so-called 'narrating life and literaturizing science' in an attempt to present a trans perspective on education, pedagogical practices and teaching and, consequently, to 'go beyond the known', 'diving with all our senses' into these *travecações* and *transvessias* that can contribute to the construction of a reality that learns to understand that the differences that make us who we are, are powers.

Keywords: *travecações*, *transvessias*, travesti, everyday life, education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: <i>TRAVECAÇÕES E TRANSVESSIAS</i>	16
<i>1.1 Travecações</i>	20
<i>1.2 Transvessias</i>	25
CAPÍTULO II: SAINDO DE CASA	29
<i>1.1 A quitinete</i>	29
<i>2.2 A borracharia</i>	31
<i>2.3 O salão de beleza</i>	34
<i>2.4 A igreja</i>	36
<i>2.5 A casa</i>	40
<i>2.6 O portão da escola</i>	42
CAPÍTULO III: <i>TRAVECAÇÕES NA ESCOLA</i>	44
<i>3.1 A sala dos professores</i>	44
<i>3.2 O pátio da escola</i>	53
CAPÍTULO IV: <i>TRAVECAÇÕES NA SALA DE AULA</i>	57
<i>4.1 Amarelas com uma janela no meio</i>	57
<i>4.2 Uma travesti é algo complicado de explicar</i>	58
<i>4.3 ‘Aprendendoensinando’ a transgredir de salto alto</i>	62
CONSIDERAÇÕES OU <i>CHEGANDO EM CASA</i>	71
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

“Credo que delícia como é bom ser travesti” (Quebrada, 2021).

Esse verso, que compõe a canção *pense & dance* de Linn da Quebrada, artista travesti, fez por bastante tempo que eu acreditasse que o pigmento do batom vermelho que passava em meus lábios fosse diferente de todos os tons de vermelhos que eu já tinha visto em outras bocas. Que um pedaço de pano do qual fiz um vestido – muito malfeito por sinal – me abraçasse nos tempos sombrios de pandemia e quarentena e, na solidão, fizesse transbordar em e de mim aquela que por muito tempo não me permiti entender.

Quando me entendi travesti muitas foram as sensações: alegrias, medos, tensões, tesões... Numa tentativa de descrever, era como se eu estivesse experimentando a vida de verdade pela primeira vez: eu pensava, sentia & dançava.

Sou travesti e professora. Pode soar simplista ou reduutivo de minha parte ‘me definir’ com duas palavras apenas. Em certas ocasiões, muitas palavras não são necessárias quando poucas delas dizem muito mais do que muitas tentam contar. Atuo como professora das redes estadual e municipal de educação em duas escolas localizadas na zona norte da cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. Meu processo de transição, ou como chamo nesta dissertação de *travecação*, se dá na escola, junto com colegas professores e com as/es/os¹ estudantes que ali vivem comigo. Destaco isso como elemento fundamental desta pesquisa: a escola como ‘*espaçotempo*’ primordial para a *travecação* ser experimentada, sentida, vivida.

Esta pesquisa, portanto, parte da minha experiência cotidiana enquanto professora travesti, em minha atuação no espaço escolar, para perguntar: como as *traveções e transvessias* vividas por uma professora travesti, narradas a partir dos cotidianos escolares, produzem deslocamentos epistemológicos, pedagógicos e existenciais na educação?

A pergunta não busca respostas fechadas, mas tensiona as ausências que ainda marcam as epistemologias da diferença na escola. Trata-se de um problema de pesquisa que se inscreve no meu corpo, no caminho que percorro entre a casa e a escola, nos

¹ Entende-se que o uso da linguagem neutra não é regulamentado pela gramática da língua portuguesa, porém a opção de utilizá-la nesta produção trata-se de um movimento ‘*epistemológico-político-estético*’ relevante para a autora.

olhares, nos silêncios e nos gestos – e que convoca a pensar sobre novas perspectivas o que se entende por docência, currículo, gênero e conhecimento.

Entendendo e assumindo meus processos, me conhecendo aprendi a deixar-me conhecer. As/es/os estudantes LGBTQIAPN+² se aproximam e nas *conversas com* elas/us/es pude relembrar de momentos que vivi enquanto estudante nos meus tempos de escola e o quanto esta pode ser violenta para com nossos corpos. Sendo professora encontro brechas nesse sistema que me permitem aplicar esta postura considerada subversiva – já sendo vivida em minhas *travecações* – também no ‘*espaçotempo*’ escolar, criando, juntamente com as/es/os estudantes, perspectivas que tornam a escola um lugar de possibilidades.

Vivemos em um país onde ser travesti é, muitas vezes, um gesto de resistência solitária. Ser travesti e professora, então, é desafiar os muros e normas da escola e da universidade. Esta pesquisa nasce da urgência de anunciar epistemologias produzidas por sujeitas travestis, cujos saberes ainda são deslegitimados na educação.

Mais do que incluir experiências trans*³ e travestis na escola, trata-se de afirmar que essas experiências *são* a escola – são parte constitutiva de sua tessitura, mesmo quando negadas. Justifica-se, portanto, a necessidade de um trabalho que se recusa à neutralidade e propõe uma escrita que literaturaliza a ciência (Alves, 2008) e convoca o cotidiano como território de elaboração crítica, política e poética.

Além disso, ao propor os conceitos de *travecação e transvessia*, a pesquisa contribui para o campo da Educação ao inventar categorias analíticas próprias, situadas, encarnadas, que tensionam os paradigmas normativos e abrem brechas para a produção de um conhecimento que escuta, caminha e transforma.

² Ultimamente, a sigla mais usada – também nessa pesquisa – para se referir à comunidade é LGBTQIAPN+, fruto de mudanças sociais e políticas com a intenção de cada vez ser mais abrangente e que contemple boa parte da diversidade de gêneros, identidades e orientações sexuais que compõem o grupo. Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binários. Para cada uma das letras, há histórias de lutas.

³ O termo trans*, “com asterisco, sinaliza a ideia de abarcar uma série de identidades não cisgêneras. De modo particular, as seguintes identidades estão contempladas no termo ‘trans*’: transexuais, mulheres transgêneras, homens transgêneros, transmasculines e pessoas não binárias. Já o termo ‘mulheres trans’ refere-se a mulheres transexuais e mulheres transgêneras. E é importante dizer que apesar do termo ‘travesti’ estar contemplado no termo ‘trans*’, no intuito de reforçar essa identidade de gênero bastante marginalizada socialmente, opto por geralmente fazer referência à travesti fora do termo guarda-chuva, assumindo, portanto, uma postura política de afirmação das identidades travestis” (Nascimento, 2021, p. 18).

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como as *travecações e transvessias* vividas por uma professora travesti, narradas a partir dos cotidianos escolares, produzem deslocamentos nos modos de ensinar, aprender e existir na escola. Então, 1) narrar os atravessamentos cotidianos entre a casa e a escola, e dentro do espaço escolar, a partir da perspectiva travesti; 2) conceituar “*travecação*” e “*transvessia*” como categorias político-poéticas de análise e existência; 3) investigar os modos como a presença de uma professora travesti tensiona normas de gênero e práticas escolares e 4) propor uma escrita acadêmica que literaturaliza a ciência, afirmando as epistemologias travestis como formas legítimas de produção de conhecimento se tornam objetivos específicos dessa pesquisa.

Para alcançarmos os objetivos e tecer respostas que não concluem, mas que produzem outras reflexões, cabe mencionar as *transvessias* metodológicas que contribuíram na produção dessa dissertação.

A pesquisa se inscreve no campo das pesquisas **nos/dos/com os cotidianos**, conforme proposto por Nilda Alves (2008), e assume a vida como campo epistemológico. Parte do corpo, da experiência e dos sentidos para narrar a escola não como cenário neutro, mas como território em disputa. A metodologia aqui adotada convoca alguns movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos:

1. **Narrar a vida** – como prática ética e política que reconhece o cotidiano como lugar de produção de saberes;
2. **Literaturalizar a ciência** – como ruptura com a linguagem técnica e abertura para o sensível, o encarnado e o estético;
3. **Mergulhar com todos os sentidos** – como gesto de pesquisa que se dá pelo corpo inteiro: ouvir, ver, tocar, cheirar, caminhar;
4. **Ecce Feminae+** – Trata-se de uma convocação a olhar para os femininos plurais, encarnados, múltiplos – e não raro, desautorizados. O “+” neste movimento não é adendo, mas abertura: um devir que atravessa o feminino e o reinventa. Ao se afirmar como *Ecce Feminae+*, esta pesquisa se coloca lado a lado com as que vieram antes, com as que resistem agora e com as que ainda virão. Produz saberes encarnados em corpos que foram negados, mas que aqui se colocam de pé, de salto, de livro na mão e olhar no horizonte.

A esses movimentos, somam-se os gestos finais da escrita, que também são parte do método:

- A construção de um mapa sensível, em que cada lugar percorrido – a quitinete, a borracharia, o salão de beleza, a igreja, o portão da escola, a sala dos professores, o pátio, a sala de aula – se torna campo de escuta e enunciação;
- A criação e vivência dos conceitos de *travecação* e *transvessias*, elaborados com o corpo em movimento, como formas de nomear os atravessamentos que desafiam a normatividade de gênero e epistemologia no cotidiano escolar.

O mapa sensível, onde as *travecações* e *transvessias* vão se fazendo, é descrito através dos capítulos dessa pesquisa. Inicialmente, no primeiro capítulo, trago como propostas os conceitos de *travecação* que, como citado acima, se refere ao meu processo de transição de gênero e o de *transvessia* que indica os caminhos, os lugares por onde *traveco*, da minha casa à escola – e dentro dela.

Estas duas propostas fundamentam os capítulos seguintes, nos quais trago reflexões que surgem a partir das *conversas com* cada lugar que compõe o trajeto por onde meu corpo passa ou de que forma eu, enquanto travesti, me percebo e não só a mim, mas aos acontecimentos que surgem nos encontros do meu corpo com a/e/o outra/e/o.

Para melhor compreensão, os pontos marcados no mapa sensível são: 1) a quitinete onde moro; 2) a borracharia; 3) o salão de beleza; 4) a igreja; 5) a casa; 6) o portão da escola; 7) a sala dos professores; 8) o pátio da escola e 9) a sala de aula.

Os pontos 7) e 8) compõem o terceiro capítulo, que apresentam um pouco das vivências e algumas situações às quais vivencio por ser uma professora travesti, com foco nas relações entre mim e os demais trabalhadores da educação (porteiro, faxineiras, secretários, merendeiras, professores, pedagoga e gestora). Também torna relevantes questões como a necessidade de se pensar uma formação de professores que englobe questões de gênero, os efeitos da *travecação* e a importância desta em '*espaçostempos*' como a escola.

No último capítulo, no ponto 9), são apresentados '*conhecimentosignificações*' sobre educação e cotidiano no olhar/sentir/viver travesti. Além disso, aborda a importância da acolhida e do afeto nas práticas pedagógicas, acontecimentos que surgem por conta de ser uma professora travesti e a importância de estarmos neste '*espaçotempo*' especificamente, dialogando brevemente com as teóricas bell hooks e Marina Reidel.

Narrar a vida e literaturalizar a ciência, que “se constitui [...], em um movimento de romper tanto com um sujeito anônimo de uma linguagem supostamente neutra, como

de autorizações dadas para o falar ou escrever por alguém colocado em uma única posição” (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p. 32), se faz presente em minha escrita na tentativa de levar ao/a leitor/a/e a: a) ser “capaz de mergulhar inteiramente [...]” (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p. 23) nas reflexões que as *travecações* e as *transvessias* provocam; b) a perceber que certas vivências e acontecimentos podem ser atravessados por nós, independente de recortes nos quais estamos inseridas/es/os; c) e que ao ler uma história, sob uma perspectiva trans* e travesti surge a possibilidade de “criar *‘fazerespensares’* novos” (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p. 27) partindo do embate com o que já foi escrito sobre nós, sem nós, como “modo de se opor à incessante insistência da certeza da História” (Peixoto, 2019, p. 148).

Reconheço que hoje, mesmo ocupando alguns espaços importantes, as produções de conhecimentos trans* e travestis ainda vêm sendo silenciadas, descredibilizadas e violentadas, daí também a importância, a necessidade e a contribuição desta pesquisa, criada como uma forma de

(...) revalorizar os saberes cotidianos e outros modos de conhecer o mundo, reconhecendo em todos eles incompletudes e potencialidades, [o que] significa promover a horizontalização das relações entre os diversos saberes, e essa democratização pode ser uma importante contribuição para a criação de novos conhecimentos (Oliveira; Sgarbi, 2008, p. 80-81 *apud* Peixoto, 2019, p. 148).

Ressalto ainda que a preferência em utilizar produções de autoras e autores trans* e travestis como principais referências para fundamentar esta pesquisa parte de uma escolha *‘políticaestéticaepistemológica’*, reforçando a ideia de que, além da importância da coletividade, é preciso ‘anunciar’ os conhecimentos produzidos por pessoas que fazem parte de nossa comunidade até que chegue a todas/es/os, “[...] fazendo emergir outras narrativas e produzindo outras historiografias que questionassem e provocassem a historiografia hegemônica” (Peixoto, 2019, p. 143), como uma ‘boa nova’ que ajude a superar, assim, discriminações e preconceitos.

Te convido a caminhar conversando comigo, nesta *transvessia* onde “não existem papéis pré-estabelecidos como o que de quem pergunta e o que responde” (Peixoto, 2019, p. 149). Gostaria de ser mais poética e sugerir tirar as sandálias, mas o calor manauara é tanto, que é melhor ir calçada/e/o. Então, vamos lá?

CAPÍTULO I

TRAVECAÇÕES E TRANSVESSIAS

O alarme desperta às seis horas todo dia, exceto aos domingos. Como que uma rotina, levanto às sete e os meus gatinhos já estão atentos, querendo sua ração. Desnuda e com os cachos desfeitos, vou à cozinha, atendo aos desejos dos meus felinos e abro a janela. Sol, chuva, fumaça. É nessa ação que cai a ficha de que um novo dia chega. E então, dou início ao que inconscientemente criei como um ritual: filmar o meu corpo.

Soa narcísico o fato de que faço isso todas as manhãs – talvez até seja um pouco – mas o faço principalmente por não ter espelho grande em casa: os únicos que tenho são aqueles que ficam em boxes de banheiro – onde geralmente se guardam alguns cosméticos e materiais de higiene pessoal – e um outro que uso para me maquiar. Não consigo ver meu corpo inteiro. Então, decidi usar da tecnologia para acompanhar visivelmente as mudanças que os hormônios vêm provocando nessa casca que diz tanto, mesmo em silêncio. Todos os dias – desde o dia quatro de setembro de dois mil e vinte e dois para ser mais precisa – tento escutar o que meu corpo diz a mim enquanto assisto eu mesma, despida, dando um giro de 360° graus. Cada pausa, busco um detalhe, algo diferente, fazendo poses e brincadeiras como a de deixar “[...] o pênis escondido entre as pernas, forçando dobrinhas nos seios, já quase parecendo senti-los sensíveis, doídos, querendo crescer” (Moirá *et al.*, 2022, p. 49). Quando percebo algum sinal de mudança, me sinto eufórica. Quando não percebo, afirmo fingindo acreditar que num breve amanhã – ou daqui a três meses – talvez eu note algo diferente e que está tudo bem, de um jeito ou de outro. Depois do ritual matinal – o quase culto de si – coo o café e aquele cheiro bom toma conta da quitinete onde moro. Quando tem um pão para acompanhar o ovo mexido é demais, mas quando não tem, sem problema: o importante é ter ‘sustância’ para o meu corpo travesti ingerir estradiol, hormônio que enaltece e potencializa as características femininas nele.

Os hormônios, que uso diariamente, surgem como uma possibilidade de facilitar meu processo de autoconhecimento enquanto travesti. É importante ressaltar que tanto a hormonização quanto outros procedimentos estéticos, como cirurgias, por exemplo, não são e nem devem ser considerados critérios que definem uma transição de gênero, mas sinto que, através dela – da hormonização, no meu caso –, pude encontrar um jeito de viver minha travestilidade de maneira que fizesse mais sentido para mim.

É importante dizer que esses conflitos e pequenas violências geram muitas feridas, muitas marcas indesejáveis, trazem memórias de situações nem um pouco agradáveis. Porém, se me fosse possível acelerar esse processo, com certeza o faria. E às vezes sinto que boa parte dessa vontade parte do fato de que os desconfortos que existem são um fardo que me impedem de ser plenamente feliz – ou ao menos, satisfeita. Porém, o tempo assume, nesse processo, o papel de senhor das coisas e ele é quem dita as regras; dele sou apenas uma serva que reclama sem ter suas vontades imediatas atendidas e, sem poder questionar, apenas espero vivendo enquanto ele me transforma de dentro para fora. Tarso Brant, homem trans e um dos autores da obra *Vidas Trans*, afirma: “Eu queria SER algo além da minha própria aparência. Alguém que, ao olhar no espelho, me identificasse. Acabei descobrindo que esse SER vem de dentro. Esse SER que coexiste em meus sonhos e pensamentos” (Moirá *et al.*, 2022, p. 139).

Essa elucidação de que eu precisava mergulhar no rio que é a transição de gênero se deu no período pandêmico. Em 2019, as notícias sobre um novo vírus que surgia na China não alarmaram um jovem que comemorava uma primeira mudança em sua vida. Depois de longos anos trabalhando em um lugar que lhe ensinara como o capitalismo atinge injusta e violentamente a classe trabalhadora, finalmente ele havia conquistado um grande passo: trabalhar em sua área de formação. Depois de três anos, ele seria professor de Filosofia.

Naquela virada de ano, ele comemorava brindando uma cidra com os amigos com quem dividia aluguel no Centro da cidade. Havia na casa uma espécie de varanda na parte detrás. A lua estava bonita. Não era cheia, era nova, mas iluminava os olhares ali presentes. Eles vislumbravam um futuro bom. Essas imagens brilham como essa lua incerta na mente dele. Certa, sem dúvidas, era a esperança de que a vida lhe daria uma nova oportunidade, um novo começo.

No ano seguinte, pandemia. Tristeza, mortes, isolamento, descasos. Uma enxurrada de medo se abrigou no coração daquele jovem. E, eu e você, sabemos que não foi só ali que isso se instalou...

O isolamento favoreceu para muitas pessoas um novo olhar sobre o mundo e sobre si mesmos. E essa experiência permitiu ao jovem perceber que, há muito tempo, fora atingido por um ‘profissional’:

A transexualidade é um franco-atirador silencioso que dispara direto no peito das crianças que se olham no espelho ou daquelas que contam os passos

quando caminham. Não sabe se elas nasceram de uma reprodução assistida ou de um casamento apostólico romano. Não lhe importa se são de famílias monoparentais ou se papai vestia azul e mamãe vestia rosa. Nem o frio de Sochi nem o calor de Cartagena das Índias fazem sua mão tremer. Ela abre fogo da mesma forma em Israel e na Palestina. A transexualidade é um franco-atirador cego como o riso, generoso como o amor, carinhoso e tolerante como uma cadela. De vez em quando, atira num professor do interior ou numa mãe de família – e bum! (Preciado, 2020, p. 106).

O latejar que despertou o jovem a questionar-se sobre si mesmo enquanto pessoa veio através de uma pergunta que, aparentemente, do nada e ressoou por muito tempo: “Como seria se eu andasse por aí vestido com roupas ‘femininas’? Como eu seria lido? Como reagiriam? Como eu me sentiria?”.

Algumas das pessoas que foram amores desse jovem já tinham mencionado sobre a possibilidade dele talvez não ser ele. Mas ela. E foi a partir da lembrança do tiro que o jovem, ainda no isolamento e já morando sozinho, decidiu buscar nas redes sociais e em livros conhecer o que era ser travesti: “Para quem tem coragem de olhar a ferida de frente, a bala se transforma numa chave mestra que abre uma porta para mundos nunca antes vistos” (Preciado, 2020, p. 107). E foi nesse explorar que finalmente conheceu quem ele sempre quis ser: eu.

A reclusão, a introspecção, o medo da morte, todas e outras muitas coisas me levaram a pensar sobre os processos que envolvem uma transição de gênero. Sentia que não podia mais abrir mão de mim mesma, sentia que se eu demorasse mais do que já tinha demorado, eu poderia não ter a chance de finalmente saber o que é viver. Não foi fácil. Nesse período, me afligia muito o não saber como seria quando eu contasse para as pessoas que faziam parte do meu convívio, minha família, meus colegas professores, as/es/os estudantes sobre minha decisão: “era desesperador o medo, o não conseguir nem imaginar a reação de que as pessoas teriam ao descobrirem quem de fato eu era” (Moirá *et al.*, 2022, p. 43).

As decisões que fui tomando desde então vêm construindo quem estou sendo. A decisão de doar todas as peças de vestuário ‘masculino’, a decisão de usar maquiagem, a decisão de me hormonizar, a decisão de retificar meu nome no cartório... Tantas decisões me marcaram e continuam a me marcar. Ao mesmo tempo em que elas me enchem de alegria, de satisfação, de prazer, “[...] porque ser travesti é uma festa” (Villada, 2021, p. 138), também trazem desafios e experiências que, infelizmente, parecem vir como um penetra nessa festança:

Aos poucos fui descobrindo que nem tudo eram flores. Não havia lugar onde não olhassem para mim, pescoços todos sempre se voltando para acompanhar meus movimentos, não importa onde eu estivesse, risos, piadas, xingamentos, eu precisando aprender a não ver que me viam, a não escutar o que diziam, como forma de proteção (Moirá *et al.*, 2022, p. 55).

No início, fui tentando me tornar invisível. Acreditava que só olhariam para mim se eu estivesse olhando de volta, então se eu não captasse esses olhares, não teria motivos para me sentir mal: “apenas baixando a cabeça, as travestis obtêm o dom da transparência que lhes foi dado no momento do seu batismo. Seguem como se meditassem e reprimissem o medo de serem descobertas” (Villada, 2021, p. 22). Mas, também com o tempo, percebi que é uma tarefa quase impossível para uma travesti passar despercebida em qualquer lugar que esteja: “Antes de você mesma se definir, os demais desenhavam seus contornos com seus preconceitos e suas violências” (Portero, 2023, p. 62).

Outras pessoas trans* e travestis com quem tive contato através de encontros numa mesa de bar, das redes sociais ou de livros, contando suas histórias, sempre compartilharam os desafios e as belezas de serem quem são. E esses aspectos que envolvem nossas existências – não só as nossas, mas as de todos os seres humanos – nos atravessam, independente dos diferentes recortes em que estamos inseridas/es/os. Então, quando percebi que não era e nunca seria invisível, passo a reforçar, ao tomar decisões sobre mim mesma, o que Márcia Rocha, na obra *Vidas Trans* (Moirá *et al.*, 2022), também travesti, diz a respeito de seu próprio processo:

quando me tornei travesti, assumi não apenas ser quem sou, mas toda uma outra vida. Não conseguiria jamais fazer diferente do que fiz, mas sabia das responsabilidades que me aguardavam quando tomei essa decisão. A verdade é que o mundo ainda não está preparado para nós, e, infelizmente, ainda serão necessárias muitas dessas outras cenas, desses questionamentos e dessas situações embaraçosas, até que as pessoas consigam compreender e aceitar que as coisas estão mudando, que nós sempre existimos, mas que agora não precisamos mais nos esconder. A luta é diária. Mas – tento me lembrar disso a todo momento – as felicidades também o são (Moirá *et al.*, 2022, p. 120).

Lembrar a mim mesma de sempre cultivar as felicidades de ser travesti é importante para conseguir lidar com as transformações que o tempo e os hormônios me proporcionam. E estas vão além do campo individual e existencial.

As responsabilidades de ser travesti em um país que mata essa população – “no ano de 2022, tivemos pelo menos 131 assassinatos de pessoas trans, sendo 130 travestis e mulheres transexuais e 1 homem trans/pessoa transmasculina” (Benevides, 2024, p. 26)

– e as diversas violências sofridas por tantas/os/es me impelem a pensar também no coletivo, ainda mais ocupando a escola e a universidade, ‘*espaçostempos*’ onde existem possibilidades de criar transformações efetivas. Acreditando que “[...] a escrita pode, sim, ser uma ferramenta de batalha” (Moirá *et al.*, 2022, p. 122), pois é através dela – e não somente dela –, que busco contribuir na construção de uma sociedade que respeite os direitos de pessoas trans* e travestis.

1.1 Travecações

Toda transformação pode ser entendida de diversas maneiras, mas gostaria que aqui, encarássemos esta como um ato de constante criação. A partir da nossa vontade ou independente dela, tudo se transforma: aquilo que era, deixa de ser, para ser outra coisa, todos os dias. Essa habilidade de criar – quando diz respeito às nossas vontades – talvez inata, talvez transmitida através de nossas/es/os ancestrais, está intimamente ligada à existência humana e, referente a minha, ao meu processo de transição de gênero.

Partindo das transformações que acontecem comigo em várias dimensões e também da necessidade de fazê-las acontecerem em ‘*espaçostempos*’ como a escola, a universidade e tantos outros que nós, pessoas trans* e travestis ocupamos, “é importante reconhecer, valorizar e divulgar que nós, mulheres transsexuais e travestis, somos produtoras de epistemologias” (Nascimento, 2021, p. 70). Com isso, proponho a utilização do termo *travecação*, que parte diretamente do termo ‘traveco’, ainda usado com um sentido pejorativo dirigida a nossa população.

Entendendo que estou contando minha história – que em muitos capítulos não é só minha – então, por que não dar um sentido diferente ao termo? Utilizá-lo como forma de mostrar uma maneira de produzir conhecimento, isto é, *travecar* a ciência. Um verbo, segundo a gramática, designa uma ação, um fazer, um agir. *Travecar*, no entanto, é muito mais do que agir como uma pessoa trans* ou travesti. Cabe dizer que travesti é uma identidade de gênero latino-americana feminina que deve ser respeitada como tal, inserida num lugar além do binário.

Esse é um dos elementos que podem ilustrar o que vem a constituir epistemológica, filosófica e existencialmente o conceito de *travecação*: o não-ser que é ou o ser que não é, localizado na binaridade de gênero enraizada nos polos opostos construídos social e culturalmente, apontada pela professora travesti Leticia Nascimento

em seu livro *Transfeminismos*, onde diz que: “[...], as transgeneridades ocupam um lugar de não existência: como mulheres transexuais e travestis, somos forasteiras da humanidade, estrangeiras do gênero” (Nascimento, 2021, p. 49).

A partir daqui se faz necessário apresentar algumas reflexões sobre o que vem a ser gênero. Atualmente, existem perspectivas sobre tal temática que não necessariamente se opõem, nem necessariamente se complementam: dialogam! E o fato de dialogarem não quer dizer que não haja certos conflitos entre elas. Trago as reflexões sobre gênero de Joan Scott (1995), com o intento de fornecer ideias que se diferem das abordagens essencialista e sociocultural, às quais tive contato no início da minha transição.

Para a autora, muito mais que se concentrar em buscar as origens, as motivações que causaram as problemáticas que envolvem o conceito de gênero ao longo da história, é necessário também dedicarmos atenção às mudanças, aos processos que fazem este movimento acontecer.

Sua definição de gênero “repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 86). Esta conexão configura uma correspondência entre as mudanças que ocorrem em ambas as proposições, mesmo estas não sendo unidirecionais.

Analisando a proposição (1), Scott (1995) escreve que o gênero, como um elemento constitutivo baseado nas diferenças, implica em quatro aspectos que também estão interrelacionados. O primeiro refere-se aos “símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com frequência contraditórias)” (Scott, 1995, p. 86). Ela traz como exemplo as figuras de Eva e Maria enquanto símbolos de mulher presentes na tradição cristã ocidental. A primeira enganada pela serpente, deixou-se levar pela tentação, enganou Adão e sofreu com as consequências do pecado. A segunda, imaculada, pura, obediente e temente a Deus, a que pisa na cabeça da serpente.

O segundo elemento, diz respeito aos “conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas” (Scott, 1995, p. 86). Em sua compreensão, esses conceitos estão presentes em discursos de diversas áreas, os quais corroboram para a manutenção de uma binaridade fixa, que afirma categórica e inequivocadamente o significado de homem e de mulher, do masculino e do feminino. Logo, a travestilidade, sob esta

perspectiva, apresenta-se como uma das possibilidades que rompem com a fixidez da ideia binária do gênero.

Este rompimento, para Scott (1995), está alinhado ao terceiro aspecto das relações de gênero, que precisa ser analisado sob uma ótica que deve “(...) incluir uma concepção de política bem como uma referência às instituições e à organização social” (Scott, 1995, p. 87). A autora apresenta a necessidade de que haja uma abrangência maior sobre questões de gênero, muitas vezes centradas ao sistema de parentesco, onde a base da organização social é a família e o lar. Sem desconsiderar tal perspectiva, ela afirma que o gênero também é construído em outros âmbitos além deste, “ele é construído igualmente na economia e na organização política, que, pelo menos em nossa sociedade, operam atualmente de maneira amplamente independente do parentesco” (Scott, 1995, p. 87).

O quarto aspecto apresentado por Scott (1995) é o da identidade subjetiva, que precisa ser refletida também por uma perspectiva histórica. Segundo ela, “os homens e as mulheres reais não cumprem sempre, nem cumprem literalmente, os termos das prescrições de sua sociedade ou de nossas categorias analíticas” (Scott, 1995, p. 88). Partindo deste aspecto, podemos inferir sobre como as noções de papéis de gênero, ao longo da história, foram se transformando também com algumas vivências que já ‘destoavam’ do que era posto/imposto como norma.

O gênero, enquanto elemento refletido por uma abordagem construcionista, é considerado como uma construção sociocultural e que não está relacionado a formação biológica dos indivíduos, pois, é possível observar em muitas culturas já que “há um número significativo de corpos que não se encaixam nesse binarismo redutor das múltiplas possibilidades de existência” (Quinalha, 2022, p. 36).

Esta abordagem possibilitou um crescente número de estudos sobre gênero e é o que, de certa forma, fundamenta e colabora com o melhor entendimento sobre as vivências trans* e travestis atualmente, uma vez que

as pessoas podem, em qualquer estágio de suas vidas, não se identificar com o sexo atribuído ao nascimento, fazendo uma transição para viver plenamente sua própria identidade de gênero, ou seja, o modo como a pessoa se percebe nas tramas e normas que definem o que é ser homem ou ser mulher em nossa sociedade. Dessa forma, se uma pessoa tem uma identidade de gênero que corresponde ao sexo atribuído no nascimento, ela pode ser classificada como cisgênera; de outra maneira, se a pessoa não possui uma identidade de gênero que corresponda ao sexo atribuído no nascimento, ela pode ser definida como uma pessoa trans (Quinalha, 2022, p. 37).

Voltando à análise de Scott, especificamente à proposição (2), a qual destaca que o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder, a autora afirma que melhor seria dizer que “o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual o poder é articulado” (Scott, 1995, p. 88), sendo este poder o político. A partir dessa análise, podemos estabelecer certas conexões entre as críticas de Scott (1995) e a abordagem essencialista sobre questões de gênero.

O essencialismo, diferentemente da perspectiva construcionista, traz consigo a ideia de que sexo e gênero estão estritamente alinhados às questões biológicas:

De um lado, uma perspectiva essencialista postula que as identidades e comportamentos decorrem de atributos inatos e naturais (ou naturalizados) dos corpos. Gênero e sexualidade seriam categorias de classificação e de descrição com um significado fixo na história. Sob essa visão, o gênero seria sempre e invariavelmente binário, dividindo a espécie humana em homens e mulheres a partir de dados supostamente invariáveis atribuídos à natureza – cromossomos, anatomia do corpo, órgãos sexuais e reprodutivos etc. Os nomes – categorias de gênero masculino ou feminino – existiriam desde sempre, conformando um binarismo que atravessa todos os períodos históricos com relativa estabilidade (Quinalha, 2022, p. 24).

Esta perspectiva corrobora com a ideia de que exista uma norma binária: homem e mulher – como vimos anteriormente –, e que outras expressões ou identidades que estejam fora dela sejam consideradas estranhas, anormais. Vale ressaltar que, ao longo da história, esta abordagem fez parte de discursos médico-científicos, jurídicos, midiáticos e religiosos que contribuíram/contribuem para a construção de uma mentalidade preconceituosa e discriminatória, sob a qual vivemos seus resquícios até hoje – principalmente no que se diz respeito às questões religiosas.

Nesse sentido, Scott (1995) afirma:

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da oposição homem/mulher; ele também o estabelece. Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa e fixa, fora de toda construção humana, parte da ordem natural ou divina. Desta maneira, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro (Scott, 1995, p. 92).

A proposta de Scott (1995) finda – ou começa – mostrando a importância e a necessidade de que é através dos processos políticos – “no sentido de que atores diferentes

e significados diferentes lutam entre si para assegurar o controle” (Scott, 1995, p. 93) – que essas estruturas rígidas e fixas podem começar a desestabilizar e um dia, vir a ruir.

Ser uma pessoa trans* e travesti está além do que é entendido como mulher ou/e como homem e se constitui como um convite a refletirmos sobre o que escreve Scott (1995), sobre a importância de se pensar o gênero além desta norma binária, ou melhor, sobre os problemas que advêm desta norma, como uma recusa a aceitação de que ela deve reger todas as coisas. Pois,

Se tratamos a oposição entre homem e mulher como problemática e não como conhecida, como algo que é contextualmente definido, repetidamente construído, então devemos constantemente perguntar não apenas o que está em jogo em proclamações ou debates que invocam o gênero para explicar ou justificar suas posições, mas também como compreensões implícitas de gênero estão sendo invocadas ou reinscritas (Scott, 1995, p. 93).

Reescrevendo as noções de gênero, entendendo que categorias como ‘homem’ e ‘mulher’ “são, ao mesmo tempo, [...] vazias e transbordantes. Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quanto parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas” (Scott, 1995 p. 93), que desestabilizam normas, modelos, referências concretas a se apegar ou seguir, o que também vem fundamentar a proposta da *travecação*.

Assim, o gênero, sob esta perspectiva, apresenta sua possibilidade de se tornar um constante criar e recriar: “Não estava [ou está] em nenhuma margem. Eu pensava que só poderia existir uma margem para o gênero masculino e outra para o gênero feminino. Rompendo com essa realidade, eu escolhi ser o próprio rio que corria veloz para além do vale, para um lugar onde se fazer era possível no confronto com algumas regras impostas” (Nascimento, 2021, p. 20).

Essa possibilidade, que enxerguei em mim mesma, se concretiza na *travecação* ‘*nosdoscom*’ meus sentidos e consequentemente, viver, cheirar, ver, perceber, escutar o mundo desta maneira. *Travecando* os sentidos, existo/vivo/sinto o mundo sob uma perspectiva que está além do que é posta como ‘normal’, construída para regular nossos corpos e desejos. Não que eu e outras pessoas trans* e travestis sejamos excepcionais por isso, não é o caso! O fato é reconhecer que *travecar* os sentidos se apresenta como uma possibilidade diferente, uma contribuição às que já existem: “É preciso entender que a diversidade não precisa nos dividir, nem criar hierarquias. Na verdade, esse modo de

pensar constitui uma astuta estratégia usada desde a colonização, a de dividir, classificar, hierarquizar e governar” (Nascimento, 2021, p. 63).

A *travecação* pode ser entendida como um convite a existir/viver/sentir o mundo de outra forma, a perceber coisas que a rotina não nos permite ou que certas experiências não nos atravessam pelo simples fato de não sermos iguais. É uma forma de, usando das diferenças que nos tornam pessoas únicas, nos aproximarmos: “precisamos pensar de outro modo: entender que as diferenças nos oferecem formas ímpares de sentir e viver o mundo e nos fortalecem” (Nascimento, 2021, p. 64).

A medida em que vou *travecando*, meus sentidos, minha relação comigo e consequentemente com o mundo, vem se transformando. Pessoas e até mesmo lugares, que antes da transição não me diziam nada, começam a conversar comigo de uma outra maneira. Olhares, gestos, palavras, silêncios... Cores, fachadas, objetos... Todas elas, ao mesmo tempo – ou não –, dizem algo para mim e sobre mim. E eu falo com elas, meu corpo diz algo a elas. Nós conversamos. E essa ‘*ação*’, esse diálogo que se constrói, também pode ser considerado um elemento da *travecação*. E entendendo o que constitui a *travecação* podemos agora nos debruçar sobre outra proposta que envolve, em particular, este último elemento, as *conversas com*.

1.2 Transvessias

Meu corpo travesti *traveca* e os lugares por onde meu corpo caminha fazem parte dessa ação. Paul Preciado (2020, p. 35), escritor trans, diz que “uma transição de gênero é uma viagem marcada por múltiplas fronteiras”. E, como toda viagem, saímos de um lugar para outro, percorremos um caminho, fazemos um trajeto e tudo isso sugere movimento, mesmo que estejamos ‘paradas/es/os’ – como em um ônibus ou em um avião, por exemplo –, mas continuamos a nos movimentar. E essas reflexões vão muito mais além: a vida também é movimento.

Até chegar no lugar onde estamos ou chegar a quem gostaríamos de chegar, passamos por muitos outros lugares, encontros, desencontros, muitas travessias. E, tal qual como diz a cantora e compositora Liniker, como em “uma espécie de cartografia íntima” (Barros, 2021, p. 19), cada uma delas nos possibilitou a nos tornamos quem estamos sendo hoje.

Esses pressupostos podem nos levar a pensar sobre o que seria a vida senão um caminhar finito ou infinito? Estamos sempre caminhando, com uma bússola ou sem ela, não sabemos se o lugar onde queremos chegar é de fato do jeito que esperávamos. E quase sempre, é uma surpresa. *‘Quem sou eu, de onde viemos ou para onde vamos?’* Questões que marcam com profundidade a experiência racional que é uma das que compõe o que é ser humana/e/o e que, mesmo com tantos avanços tecnológicos e ideias destrutivas que contaminam seu desenvolvimento, continuam martelando em muitas consciências e se perpetuam ainda, sem respostas satisfatórias.

É importante trazer a imagem de um mapa que se desenha a partir das caminhadas que trilhamos *‘em busca de chegar a algum lugar ou a alguém’*, como uma tentativa de ilustrar simbólica e concretamente o que vem a ser uma outra proposta que será chamada aqui de *transvessia*.

Além de, para além de, para o outro lado, o lado oposto... O prefixo ‘trans’ possui esse sentido etimológico. O corpo travesti é um corpo que *traveca*, que transborda, não cabe em fôrmas/formas, um corpo que vive/sente/olha além de uma paisagem normativa. E esse transbordar, além de ser um dos principais motivos de silenciamento desses corpos, atravessa outros *‘lugaresmovimentos’*, na tentativa de que todas/os/es possam olhar além daquilo que é posto.

Esses são atravessamentos que acontecem entre nossos caminhos: eu sendo travesti e você, sendo quem você é, apresentam como nossas vivências podem se complementar, considerando o que diz Merleau-Ponty (1999, p. 18): “transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras”.

Esse se torna o ponto de encontro entre os conceitos propostos aqui: *travecar* e *transvessia*. O corpo que caminha e o caminho que é feito pelo corpo. O corpo em *transformação* e o caminho que é *transformado* – ou melhor, *‘transtornado’* – por onde o corpo transita.

É importante destacar que a *‘transvessia’*, além de toda proposta filosófica que a envolve, emerge nos curtos caminhos que percorro do lugar onde moro, da minha quitinete ao meu trabalho – a escola –, e também os caminhos que traço dentro dela, em *‘espaçostempos’* como a sala dos professores e a salas de aula, por exemplo. E nesses caminhos, meu corpo *traveca*, *conversando com* os lugares que compõem esse caminho e como esses lugares *conversam com* meu corpo travesti.

Esta *transvessia* é a da travesti que aqui escreve, professora da rede municipal e estadual de ensino e que leciona o componente curricular de Filosofia para o Ensino Médio e Artes para o Ensino Fundamental. Atualmente, por conta de estar cursando Mestrado em Educação, me encontro de licença e não estou atuando no Ensino Médio. Logo, a pesquisa se refere apenas às *travecações* vividas e *transvessias* construídas em uma escola municipal, que possui cerca de 700 estudantes na faixa etária dos 11 aos 15 anos, que vivem, em sua maioria, na zona norte da cidade de Manaus.

Apesar de não ter militares atuando nem direta, nem indiretamente, a escola aderiu alguns elementos que conversam com uma espécie de modelo cívico-militar, com muitas regras a seguir: como cortes de cabelo militar para os meninos, coque para meninas, proibição do uso de maquiagens, não namorar nas dependências da escola etc. Sob meu ponto de vista, a escola trata o desrespeito das regras de maneira bastante punitiva, como suspensão e transferência, visando o controle e um corpo discente cada vez mais dócil:

A escola é um espaço onde o poder disciplinar está presente, controlando os corpos e, consequentemente, controlando os indivíduos. Muitos são os exemplos que podemos utilizar, desde o uso do uniforme e a postura nas carteiras, até os rígidos horários. Sem falar nas punições, como advertências, suspensões, entre outras (Peixoto, 2013, p. 4).

Porém, mesmo com rigidez e disciplina, é possível perceber uma relação compromissada entre ela e a comunidade, não a reduzindo somente aos pais e responsáveis das/es/os estudantes. A escola conta com muitos projetos de reforço e ensino tecnológico, alguns adotados por orientação da própria Secretaria Municipal de Educação – SEMED e outros, de cunho esportivo, criados e executados pelos professores de Educação Física da escola que oferecem as modalidades de vôlei, handebol, xadrez, *flag* e judô, visando os jogos estudantis, chamados de *Municipiadas*, que geralmente ocorrem no fim do ano letivo. No âmbito cultural e artístico, a escola possui uma banda marcial que conta com a participação de estudantes matriculadas/es/os e das/es/os que já saíram de lá. Vale ressaltar o sucesso da escola nesses projetos já que é bastante premiada também no alcance de metas em avaliações como as do Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB.

O corpo docente é bastante qualificado contando com alguns já mestres e doutores. As/os professoras/es são constantemente incentivadas/os à participação de competições nacionais como a Olimpíada Nacional de Ciências – ONC e a Olimpíada

Brasileira de Matemática das Escolas Públicas – OBMEP e de ações como o Programa Ciência na Escola – PCE.

A comunicação entre equipe pedagógica e docente é bastante fluida e organizada. As ações planejadas para o ano letivo são todas cumpridas e não se costuma atrasar prazos referentes à lançamento de frequência, notas e fechamento de bimestre. Problemas relacionados a essas questões são resolvidos com muita rapidez o que mostra o comprometimento e eficácia de um bom trabalho em equipe, nesse sentido.

Mesmo diante de certas situações que percebo como desafios e que podiam ser enfrentados de outras maneiras – como será visto ao longo desta produção – é uma escola muito boa para *travecar* e construir *transvessias*. Sempre recordo com muita gratidão e carinho que fui muito bem recebida pela coordenadora pedagógica quando me apresentei no primeiro dia de trabalho. Ela foi a responsável por me apresentar os ambientes que compõem o espaço físico da escola e percebi, por sua acolhida, que, mesmo que algumas pessoas não estejam aparentemente preparadas para entender a presença de uma professora travesti na escola, estão abertas a tentar e a deixar a *travecação* transformar seu modo de pensar. E, no meu ponto de vista, isso é extremamente importante: “A travessia é o lugar da incerteza, da não evidência, do estranho. E isso não é uma fraqueza, é uma potência” (Preciado, 2020, p. 32).

As *transvessias* que vão se fazendo a cada passo dado não são isentas de violências, infelizmente. Graças ao acesso à internet, podemos acompanhar o quanto a comunidade trans* e travesti foi e continua a ser atacada de muitas maneiras, seja na retirada ou questionamentos de direitos, seja na anulação da própria identidade, nos assassinatos, na constante tentativa de nos colocar à margem... E, os passos que dou também se encontram com os de outros de outras *transvessias* de pessoas que *travecam* em busca de algo que parte da sociedade parece querer nos privar: ter paz. Paz para ser quem somos sem precisar se justificar, sem precisar sentir medo, sem precisar desistir.

Já tendo uma ideia do ‘*espaçotempo*’ onde me faço professora e travesti, resolvi organizar minhas *travecações* e *transvessias* por ações e lugares específicos, para melhor compreendermos *nossas conversas*, que são tão altas que é quase impossível não lhes dar atenção, produzindo uma espécie de contraficção visual capaz “de questionar os modos dominantes de ver a norma e o desvio” (Preciado, 2020, p. 105).

CAPÍTULO II

SAINDO DE CASA

1.1 A quitinete

Manaus costuma ser bem quente. A quitinete onde moro não é tão grande, é ventilada – quando venta – mas ela costuma esquentar bastante. Como me preocupo muito com questões financeiras, eu raramente ligo o ar-condicionado durante o dia. Costumo almoçar um pouco mais cedo, às onze da manhã. Lavo a louça porque já penso na chegada do trabalho em que ao jogar-me na cama não terei nenhum peso na consciência – já que não tenho paz enquanto houver louça suja na pia – cada pessoa com suas manias. Tomo um bom banho. *Travecar* no banho é uma delícia! Consigo ver parte do meu colo pelo espelhinho do banheiro e me sinto linda. O que me entristece é ver a sombra do bigode que aos poucos vai sumindo – mas que demora! Hormônios, depilação à laser, tempo...

Em casa, me sinto segura. E não é só porque posso andar como vim ao mundo. Apreendi a gostar da minha própria companhia com o tempo. Morar sozinha há alguns anos me ensinou a ter uma relação mais paciente e compreensiva comigo mesma, mesmo observando que existem alguns percalços, como os que existem em qualquer relação. Por um fio, quase caía na armadilha de achar que eu era autossuficiente, que não precisaria da ajuda de ninguém para resolver meus problemas, que eu me bastava. E então, meus gatos aparecem e me ajudam a ter mais responsabilidade e a cultivar o sentido de cuidado e carinho. E minha profissão se ressignifica, fazendo-me sair de um lugar de ‘trabalho somente como obtenção de sustento’ para um que ‘valoriza e acredita no poder de transformação que a coletividade tem’.

Escovo os dentes, tiro os pelos que não aparecem no espelho, mas que sinto ao tocar meu rosto e pescoço. Respiro. E penso ao me barbear que, por muito tempo, a noite foi imposta às pessoas trans* e travestis. Criaturas noturnas, invisíveis. A medida em que vamos alcançando nossos direitos, ocupando mais espaços é mais comum sermos vistas à luz do dia. É preciso coragem, tanto de noite, quando não somos vistas, quanto de dia, quando os raios de sol “revelam as indiscrições de nossa pele, a sombra da barba, os traços indomáveis do homem que não somos” (Villada, 2021, p. 111). Os olhares tortos, juntamente com o dia, ainda me recordam de quem queria esquecer.

Consciente de que o sol nasce para todas/es/os, passo uma maquiagem para que o cinza esverdeado do bigode não se destaque tanto e que minha pele fique como a de uma boneca. Preferencialmente como a da ‘boneca Polly’, a mesma que eu costumava brincar quando era criança com minha prima, enquanto meus primos caçoavam de mim porque eu não jogava bola com eles.

Já satisfeita com meu rosto, visto a calcinha com cuidado pois, preciso *aquendar*⁴ direitinho, para que não faça nenhum volume na calça – quando faz, alguém sempre repara – e ponho o sutiã. Momento crucial do dia! Para algumas mulheres, principalmente cis, o sutiã é um acessório que remete à tortura, a uma prisão, um desconforto. Para mim, é uma realização, uma libertação. Finalmente posso usar o que não pude por tanto tempo! E vem se tornando ainda mais especial porque meus seios estão crescendo: poderoso estradiol!

Com o *look* pronto e a mochila arrumada, vou à cozinha, onde a iluminação é melhor e me filmo: uma, duas, três vezes! Pode soar obsessivo, mas ajeito o que acho necessário. Respiro. Tranco a porta, desço a escada e fecho o portão. Começo a pensar nos olhares. Eles me perseguem antes mesmo de eu estar na rua. E quando nela estou, infelizmente, já não me sinto segura.

O sair de casa me deixa sempre em estado de alerta, especialmente quando estou sozinha, independente do lugar onde me dirijo:

Toda vez que nossa humanidade se tornava sólida, tanto os homens quanto as mulheres, as crianças, os velhos e os adolescentes gritavam para nós que não, que não éramos transparentes: éramos travestis, éramos tudo o que despertava neles o insulto, a rejeição. Por isso, com maior ou menor arte, buscávamos a transparência. O triunfo de voltar para casa invisíveis e sem agressões. A transparência, a camuflagem, a invisibilidade, o silêncio visual eram nossa pequena felicidade de cada dia. Os momentos de descanso (Villada, 2021, p. 136).

⁴ “Banana fez surgir uma calcinha de renda preta e ato contínuo vestiu-a do modo característico das travestis: postando-se de pé, puxou a calcinha até a altura dos joelhos e depois se agachou com as pernas afastadas para manter a peça no lugar. Nessa posição levou a mão atrás das costas, e daí por baixo das pernas, até alcançar o pênis e o saco escrotal. Puxando-os para trás, Banana pressionou-os firmemente contra o períneo, ao mesmo tempo que se punha de pé, ajeitando a calcinha para cima com a outra mão. Esticando a calcinha pela frente e puxando o pênis para trás, ela deslocava o peso do corpo de uma perna para a outra, até que a calcinha estivesse ajustada e o pênis acomodado segura e confortavelmente sob o períneo. Banana finalizou a operação alisando a calcinha com as duas mãos, certificando-se de que a parte da frente apresentava-se agora como uma superfície bem lisa e plana [...]. Deu uma leve palmada na parte da frente da calcinha: ‘Minha buceta’, disse sorrindo” (Kulick, 2008, p. 19).

Mas hoje, enquanto travesti, ter consciência da violência que nossos corpos sofrem, me limita nesse sentido. Ao mesmo tempo, lembro que sou quem sou, que devo ser corajosa, como aquelas que foram e que continuam comigo, e por onde vou, estamos todas juntas. Esse sentimento de coletividade, de comunidade, não sei de onde veio. Acredito que vem da própria *travecação* que nos permeia a todas.

Entre a quitinete onde moro e a escola onde trabalho, do lado direito da rua, onde costumo andar até atravessar na faixa de pedestres, passo por vários espaços como borracharias, oficinas, um salão de beleza, um ponto de venda de bolos e uma lojinha de conveniência, uma igreja, um brechó, algumas casas e duas construções. Vejo também muitas pessoas: às vezes as mesmas, às vezes outras. Depende do horário. A caminhada e esses encontros diários se dão em, no máximo, três minutos que, dependendo do dia, parecem uma eternidade.

Este curto '*espaçotempo*', sempre novo a cada saída, se constitui como um mundo cheio de inseguranças e tensões. Merleau-Ponty (1999, p. 6) afirma que o mundo "é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas". Neste mundo e neste *travecar*, vejo e sou vista, percebo e sou percebida. Neste mundo existo e é nele que me conheço (Merleau-Ponty, 1999).

Tendo em vista que o corpo travesti é marcado socialmente como abjeto, olhares incisivos não passam despercebidos. "É isso que conseguimos, as travestis: atrair todos os olhares do mundo. Ninguém resiste ao feitiço de um homem vestido de mulher, essas maricas que ousam ir tão longe, esses degenerados que capturam as atenções" (Villada, 2021, p. 163). Alguns olhares demonstram curiosidade, outros espanto, indiferença. Uns são simpáticos, outros me desejam e outros não notam. Uns julgam. E nesse ponto é importante entendermos que o juízo "é remeter-se à aparência sem procurar possuí-la ou saber da sua verdade" (Merleau-Ponty, 1999, p. 62), é fechar-se às possibilidades de '*serexistirpensaragir*' travesti e esse se fechar, deixa aberta as portas para a ignorância, o preconceito, a discriminação e a violência sobre os nossos corpos.

2.2 A borracharia

Fecho o portão e em poucos passos, logo na esquina da rua, há uma borracharia que fica aberta até tarde da noite. A construção não é tão requintada: a parede de tinta

verde possui manchas de graxa e sujeira, há pneus por todos os cantos, algumas cadeiras de balanço e, claro, homens: cisgêneros, preciso especificar.

Geralmente espaços como esse são ocupados por homens cisgêneros e essa predominância masculina – nesta borracharia, em particular –, merece um destaque, por ser o primeiro lugar por onde passo. Mesmo tentando ser indiferente ao passar por ela, mesmo que seja num instante de menos de dois segundos, esse espaço e as pessoas que ali estão *conversam comigo*, me dizem algo, mesmo sem falar. Bem, na maior parte das vezes, sempre há um: ‘Espia, esse traveco’ ou olhares flamejantes, confesso que não sei se de ódio ou de desejo. Ou ambos, quem sabe.

Ao passar pela borracharia e escutar uma piadinha ou encarar um desses olhares incisivos, me pergunto: por que tudo isso? Por que pessoas trans* e travestis não podemos andar livremente na rua sem nenhum tipo de constrangimento? Essa é uma experiência que me remete à vivência de mulheres cis em uma sociedade machista, por exemplo. Mas existem muitas respostas para esse questionamento. A oficina me faz pensar em como a humanidade, não em sua totalidade, mas em sua maioria, foi-se construindo em torno de uma cisheteronormatividade⁵ que respinga e encharca o modo como se dão as relações conosco mesmas/es/os e com as outras pessoas.

Sem avançar para campos profundos, em casos cotidianos e muito simples como comportamentos, tópicos de conversa, ambientes, roupas e até cores, por exemplo, se marcam fortemente as divisões de gêneros. Quando alguém rompe essa cisão, esta pessoa torna-se diferente, passa a ser vista e entendida como não normal, como desobediente, como abjeto.

A borracharia me leva a recordar sobre meus processos de entendimento de mim mesma, primeiramente enquanto homem cis gay – antes da transição – e posteriormente como travesti e o quanto eles foram – e continuam a ser – conflitantes individual e socialmente já que insistem em que eu desacredite que “há diferentes modos de viver as mulheridades e as feminilidades; são muitas as possibilidades de se performar gêneros” (Nascimento, 2021, p. 41).

Me percebi, conscientemente, como ‘diferente’, na adolescência. Meus trejeitos e gostos eram completamente diferentes dos de meus primos e eram repreendidos por meu pai e por meus tios:

⁵ Este termo refere-se à ordem sexual e de gênero do presente, fundada no modelo cisgênero, heterossexual, familiar e reprodutivo.

Habitar o feminino, mesmo que de forma intermitente e, como mulher, ter a existência de um fogo-fátuo, ativava os estímulos necessários para a correção. Os fantasmas que iam comigo sabiam dessa profecia. Mulheres, bichas e outras existências tortas com relação à masculinidade estavam marcadas como presas no mundo dos homens malvados (Portero, 2023, p. 124).

Piadas e brincadeiras de mau gosto não eram frequentes somente em reuniões de família e na escola. Porém, mesmo não sendo um ambiente tão acolhedor e respeitoso, era na escola onde eu podia ser quem eu era de fato.

Sempre gostei de estudar. Não sei se era algo genuíno ou se fui uma criança que gostava de corresponder às expectativas criadas pelos meus pais. Uma ou outra, eu cheguei aonde estou e sou muito grata. Hoje, enquanto professora, percebo que a escola é um espaço de liberdade, mesmo com tantos desafios a serem enfrentados. Eu não entendia que o convívio com outras crianças foi extremamente importante para que minha infância não fosse de todo um desastre. Quando criança, eu integrava um grupo de cinco amiguinhos. A gente sempre brincava juntos no recreio. Simulávamos programas de tv da época: Power Rangers, Sakura Card Captors, Sailor Moon, Pokémon, Digimon. Eu e mais dois, éramos sempre as personagens femininas. Um outro era o herói ou o personagem masculino principal, o líder. Sobrava o papel de vilão para aquele que, de todos nós, era o mais ‘machão’.

Depois eu tive que mudar de escola e acabei encontrando outras pessoas com quem eu podia ser quem eu era. Comecei a escutar rock, a gazetar aula e beber vodca com iogurte na praça e quando ia para a escola era por causa dos meus amigos. Eu me considerava uma adolescente ‘quase’ rebelde porque mesmo transgredindo algumas regras, eu ainda me preocupava com as notas e escutava meus pais e professores.

No ensino médio, quando finalmente conheci pessoas que passavam por situações semelhantes à minha, pude compreender que as figuras masculinas que me cercavam faziam aquilo – me podavam, criticavam, violentavam – porque eu era diferente e que, aparentemente, era errado. Se eu fosse como eles certamente não passaria por aquelas situações desagradáveis:

Particularmente, como travesti, tive desde a infância, uma experiência cruel com o machismo e o sexismo, que cerceavam o meu poder de autodefinição, já que não me reconhecia no papel de gênero masculino que me era imposto. Apesar das dores, sempre tive respiros, prazeres clandestinos de uma infância transviada: brincar de boneca, desfilar com vestidos de lençol amarrados, brincar de roda, fazer comidinha com folhas (Nascimento, 2021, p. 19).

Foram várias as tentativas em ser como queriam que fosse e em todas falhei. Felizmente!

2.3 O salão de beleza

Logo após a borracharia, passamos por um salão de beleza. Um lugar, que diferente do primeiro, já é mais comum vermos a presença de mulheres cis, pessoas trans* e travestis.

Assim como a cisnormatividade afeta o que se entende por masculinidade, ela também influencia noções construídas do que vem a ser entendido como feminilidade. O salão de beleza, por exemplo, me faz perceber, mesmo que superficialmente, que ambientes considerados socialmente como femininos, são mais inclusivos do que os ditos masculinos. E ainda me leva a refletir que foi nas minhas *travecações*, infelizmente, sendo atravessada por violências que somente mulheres cis ou trans* sofrem que pude começar a entender na pele como as coisas funcionam para quem estamos deste lado: “Ainda não havia aprendido que a violência machista acontece independentemente do que nós, mulheres, façamos ou deixemos de fazer” (Portero, 2023, p. 27).

Mesmo parecendo ser uma relação paradoxal e complexa, ao passar pelo salão de beleza lembro de todas as mulheres – reais ou da ficção (as personagens dos programas de tv que assistia quando criança e brincava com meus amigos no recreio) – que me inspiraram e continuam a inspirar a construção da travesti que venho sendo, afinal, mesmo com meus 30 e poucos anos, eu vivo “uma adolescência tardia” (Nery, 2022, p. 79). E me espelhando nelas constantemente, e principalmente enquanto caminho, percebo as riquezas que existem por conta das possibilidades e múltiplas formas de ser:

Cada passo de salto contra o solo era uma canção vitoriosa, e parecia que os astros se alinhavam para me conceder um pedaço de divindade. Estava viva e empurrava meu próprio coração para que seguisse batendo, em vez de me arrastar com ele e esperar indiferente que se detivesse. Aquilo que era uma imposição para as outras, o que, por outro lado, eu compreendia perfeitamente, para mim era uma conquista. Nós, mulheres, não éramos abelhas que se alimentavam do mesmo néctar; libertar-se, abrir-se ao mundo, reivindicar um espaço que era nosso é algo que podemos fazer a partir de posições bem diferentes, e todas eram boas. A minha era assim, feminina e orgulhosa (Portero, 2023, p. 155-156).

Mulheres trans e travestis ocupam, nesses *espaçotempos* como o salão de beleza, cargos notórios e costumam ser valorizadas por seus trabalhos específicos e serviços oferecidos. É desconhecido de mim, como se constroem as relações nesses locais, se há a presença de algum tipo de violência ou não, por exemplo – infeliz e certamente, deve haver, afinal, ao mesmo tempo em que ocupá-los pode ser lido como uma conquista, não quer dizer que não haja certos percalços até chegar ali ou em qualquer outro espaço. Porém, nesta *transvessia*, não gostaria ainda de me atentar às dificuldades existentes, mas no acalento que surge quando penso que em alguns lugares marcados como normativos, vamos, mesmo que lentamente, tendo nossa dignidade e existência respeitadas e de que isso já está gerando pequenas mudanças que se desdobram em diversos outros ambientes, até mesmo nos virtuais.

O que seria do meu processo de transição, já tardio, se não fossem as pessoas trans* e travestis que acompanho nas redes sociais? O que seria do processo de tantas outras pessoas mais jovens sem essas *travecações* que a internet pode proporcionar?

Erika Hilton, travesti e deputada federal eleita nas últimas eleições, afirma no Mapeamento de Pessoas Trans de São Paulo, que só “haverá democracia e justiça social quando todas, todos e todes tiverem igualdade de acessos e direitos. E, para isso, é necessário conhecer as necessidades da população e seus diversos grupos sociais” (Cedec, 2021, p. 21).

A presença de pessoas trans* e travestis nas mídias, por exemplo, nos leva a descobrir outras *transvessias*, a conhecer as suas necessidades, a termos acesso ao conhecimento produzido por elas/us/es, e isso, sem dúvida, ajuda a construir, por meio de muitas lutas, um mundo mais digno às vivências trans* e travestis:

Adorava olhar para elas e memorizar seus gestos, sua forma de estarem quietas, o modo como tocavam em seu próprio cabelo, suas risadas descomplicadas e como manuseavam os objetos. Absorvia a energia que acreditava perceber quando as mulheres estavam reunidas, sem homens. Ficava sonhando com essa energia, ela me arrepiava e dava uma sensação de paz que não encontrava em nenhum outro lugar. O tempo com os homens da família me dava frio por dentro e me mantinha em tensão. Os homens não se faziam homens, se instruíam na masculinidade e, mesmo entre os melhores, coitado daquele que falhasse na sua prática. Junto às mulheres de minha família ou de meu bloco, também com as colegas da escola, o tempo se dilatava como se estivesse banhado em água quente. Não podia ser uma delas, não podia tocar nessa vida, mas podia valorizar o que me ensinavam sem que pretendessem, era como tirar os mitos mais delicados e poderosos das páginas dos livros e fazê-los andar para contemplá-los, o caminho da ninfa, da bruxa, da dama de branco ou da harpia continuava longe, mas algo adaptado a mim me permitia tecer aquela

atenção clandestina que lhes dedicava. Um traje de feminilidade feito às escondidas e à minha medida (Portero, 2023, p. 40-41).

Com essa esperança projetada em cada passo dado nesse trajeto, mesmo que haja uma poça de lama aqui, ou uma parte barrenta que nos faz deslizar ali, estou bem trajada e precisamos continuar nosso caminhar rumo à escola.

2.4 A igreja

Andando mais um pouco, nos vemos diante de uma igreja. Essa igreja em particular não é muito convidativa: cheia de grades, uma fachada pequena e uma porta de vidro. Evito olhar muito. As percepções que tenho dela não me são muito agradáveis. O fato é que não gostaria de discorrer sobre como a relação entre igreja e questões de gênero e sexualidade foram sempre problemáticas, mas por fazer parte desta *transvessia*, se faz necessário tecer alguns apontamentos.

Minha relação com a igreja – a católica, em particular –, me leva a um ‘*espaçotempo*’ delicado. Minha família sempre foi católica, e mesmo não muito atuante, ou praticante, como falam, a educação que recebia em casa tinha como base os valores dessa religião. Fiz catequese, a primeira comunhão, estudei numa escola de freiras no bairro onde nasci e cresci. O tempo passou e, quando adolescente, me desliguei dessas questões e comecei a focar em outras coisas como assistir aos vídeos da MTV, por exemplo.

Quando estava no Ensino Médio, minha mãe descobriu, através de uma carta, que eu estava namorando com um outro rapaz que estudava na mesma escola que eu. Aquilo foi um choque. Não só para ela, mas também para mim. Antes mesmo da fatídica descoberta, quando comecei a me relacionar afetivamente com esse jovem, eu me pegava constantemente com medo de que me vissem na rua fazendo aquelas coisas – mãos dadas e beijinhos – temendo e imaginando todas as piores consequências possíveis quando alguém descobrisse.

Ela conversou com meu pai, me consultei com uma psicóloga e eu escolhi não ser honesta com eles, nem comigo. Assumir, na época, que gostava de homens seria muito mais trabalhoso para mim e para eles. Meus pais e eu não sabíamos como lidar com aquilo tudo. Mentir era mais fácil – segundo as vozes da minha cabeça. Sempre fui medrosa e fraca. Não tinha como sustentar o peso de várias toneladas que possui uma verdade como

essa. No fim, a culpa daquilo tudo era do menino com quem namorei, das más influências com quem andava na escola. Era hora de voltar para o armário e “a consciência de que é preciso um armário no qual se esconder te prepara para o jogo da verdade e da mentira, do que deixar mostrar e do que não” (Portero, 2023, p. 20). Meus pais me transferiram para outro colégio e, por convite – que considerei mais uma intimação – de minha mãe, voltei a frequentar a Igreja, especificamente a participar dos encontros da Catequese.

Ali tive a chance de começar do zero, me redimir dos meus pecados – literalmente – fazer da minha mentira um segredo e ser um *novo homem*. Essa promessa, para quem se sentia impuro como eu, caiu como uma luva. Conheci novas pessoas, me senti útil, me senti acolhida – mesmo que ninguém soubesse pelo que eu tinha passado. Comecei a dedicar todo o meu tempo, livre ou não, às atividades que envolviam a igreja. Visitava doentes, fazia parte do grupo de jovens, cantava no grupo de música, limpava e organizava a Igreja. Até que me vi tão envolta e encantada, que enterrei minha mentira a ponto de esquecê-la por um tempo.

Já que eu era uma jovem tão dedicada, fui convidada por uma freira incrível a participar do que chamam de encontros vocacionais. Nesses encontros, os jovens que participavam mensalmente, podiam refletir sobre sua vocação, ou seja, sobre o chamado de Deus. Geralmente, nesses encontros vocacionais participavam jovens que se dedicavam bastante nos trabalhos da Igreja e muitos iam para seminários ou conventos, pois após muitos encontros, acreditavam que Deus os chamavam para a vida religiosa. E assim, também foi comigo.

Eu tinha 19 anos quando, por decisão própria, abandonei meu curso de Design na Universidade Federal do Amazonas e deixei minha família para vivenciar a primeira etapa de formação religiosa, o aspirantado. Fui aconselhada pela freira incrível a terminar o curso primeiro, mas achei que não podia perder tempo. Eu realmente queria ser padre. Ao menos – por um tempo – acreditei fortemente nisso. Morei em outras cidades e conheci muitas pessoas em cada um deles: Ananindeua, no estado do Pará; Indápolis, um distrito de uma cidade chamada Dourados, interior do Mato Grosso do Sul. E na oportunidade que tive em ir ao Rio de Janeiro duas vezes, até vi o Papa Francisco bem de perto!

Além de todas essas coisas boas em meus anos de seminário, tive também que aprender a lidar comigo mesma sem ser eu mesma. Não que eu não tenha desrespeitado algumas regras, mesmo elas sendo o que constantemente me lembrava de quem eu não podia ser. Numa ocasião muito particular, ainda em 2011, em que deixei meus desejos

reprimidos pulsarem através de minhas mãos me senti extremamente culpada. Não adiantou apenas me confessar com muita vergonha para o padre que exercia essa função no seminário. Eu andei por um dia com pedras dentro do sapato para me sentir, de fato, expiada.

Até que em 2013, na etapa do noviciado, quando morei em Indápolis, me apaixonei por um seminarista de Minas Gerais. Nunca admiti isso portanto nada fiz, além de apenas sentir. Porém, esse sentimento me fez refletir se ali de fato era meu lugar. Ele deixou a congregação por outros motivos, mas lembro que chorei muito sua ausência e até comecei a dormir na cama em que ele se deitava no dormitório. Acho que, depois dessa situação, tudo ficou óbvio para os outros seminaristas. Cheguei a discutir com um deles quando ele, em uma conversa, soltou que eu era “gay”. Eu me desmontei toda, porque eu achava que estava lidando bem com tudo aquilo. “Até então, minha existência consistia em colocar uma máscara diante de todo mundo para que se harmonizasse com minha necessidade lacerante de me ocultar” (Portero, 2023, p. 158). Mas a máscara já havia trincado há muito tempo.

Voltei a Manaus em 2014, já como religiosa consagrada, professando os votos de pobreza, castidade e obediência. Nesse ano, iniciei o curso de Filosofia. Os estudos de Filosofia e Teologia se constituem como requisito obrigatório da formação religiosa presbiteral. Portanto, estudavam comigo seminaristas e religiosos de outras congregações. Conheci algumas pessoas que conseguiam viver sua verdade sem culpa ou medo algum. Mesmo os admirando, isso me assustava porque eu não achava certo.

Tive muitas experiências nos tempos da graduação e além delas, a Filosofia me levou a beijar a mentira até então adormecida e me fez criar coragem para gritar minha verdade para quem quisesse ouvir. E assim, o fiz. No fim de 2015, voltei para a casa dos meus pais, onde tive finalmente a coragem de assumir quem eu era e sempre fui. Ao menos, em parte.

Minha vida como seminarista me ensinou muitas coisas. Uma delas foi o amor que tenho pela educação, já que esta era a missão da congregação à qual pertenci. A convivência com pessoas de lugares e culturas diferentes e o valor de uma vida em comunidade – mesmo que pautada em valores cristãos – também. Amadureci muito como pessoa nesse ambiente, mesmo que ele, em muitos momentos tenha sido hostil para comigo e com outros que são/eram como eu. Porém, toda relação é como um

caramanchão de rosas (Lemoyne, 2019): tem sua beleza e cheira bem, mas também seus espinhos mesmo que não aparentes até sentirmos nos machucar.

Considerando esta relação e a de alguns conhecidos/as/es, penso que a maior parte dos fiéis não percebem que vivem em uma redoma – eu, ao menos, enquanto estava ali, não percebia. E que nem tudo o que acontece no mundo, em sua totalidade, pode ser lido sob um ponto de vista específico, no caso, o religioso. A religião institucionalizada – ou que institucionaliza o Sagrado, a meu ver –, enquanto instrumento de regulação de poder, sempre foi a favor da cisheteronormatividade e que tudo o que estivesse fora desse campo deveria ser condenado, julgado, excluído:

Por séculos, acusados de pecadores nas Igrejas, de doentes nos hospitais e manicômios, e criminosos no sistema penal e prisional, de ameaçadores à ordem pública e aos bons costumes pelos poderes estatais, LGBTI+ foram permanentemente atravessados pelos discursos e práticas de controle político e sexual de suas subjetividades (Quinalha, 2022, p. 34).

A igreja perpetua esses modelos, silenciando existências que não se enquadram ao que ela propõe. Lembro-me que temas relacionados a gênero e sexualidade, quando discutidos, sugeriam – indiretamente – uma anulação de si e incentivavam adequação a uma fôrma, fundamentados por um discurso disfarçado de acolhida e tolerância. Desde que saí do seminário, nunca mais voltei a participar da Igreja. Minha relação com o Sagrado mudou completamente e posso talvez dizer que sinto falta de algumas coisas, como a vida comunitária, por exemplo. Hoje consigo ser grata a mim mesma pelas escolhas que fiz já que elas me trouxeram onde estou.

Porém, não posso concluir esta parte de minha *transvessia* sem reconhecer também que os fundamentos cristãos não me abandonaram por completo. Sinto que ainda tenho minhas questões comigo mesma. Ainda me sinto fraca e medrosa. E sei que é por conta das influências do que vivi e aprendi nesse período: “Obrigada catequese, obrigada comunhão, obrigada infância missionária, por depositar em meu DNA o bichinho que arruinaria meu bem-estar de rainha supervalorizada” (Villada, p. 62, 2024).

Por ser uma igreja pequena, dez passos são suficientes para outras reflexões. Felizmente, é nesse ponto que podemos encontrar no trajeto rostos conhecidos, que acenam com um sorriso. Essas trocas, que quase sempre acontecem, tornam um pouco mais leve o caminho que nos resta a percorrer.

2.5 A casa

Bem depois da igreja, nos vemos diante da casa de Kiwi⁶. E aqui sinalizo que Kiwi faz parte de uma ficção que nos permite fabricar a liberdade (Preciado, 2020). É possível notar que a porta e portões de alumínio pintados de um amarelo claro combinam com o cinza presente na fachada. Kiwi estuda na escola onde trabalho, a qual estamos a caminho e quase lá. Ela disse, logo após minha apresentação, que é bissexual. Uma pessoa bissexual sente atração afetiva e sexual por pessoas de ambos os sexos. Essa atitude específica de Kiwi e, que reverbera na de tantos outras/es/os estudantes da escola, diz muitas coisas.

Logo no início da minha atuação em sala de aula, antes da transição, eu mantinha uma postura de distanciamento, sem muitas aberturas. Isso fez com que gerassem especulações entre as/es/os estudantes no sentido de saber coisas a respeito de minha sexualidade e que evitava responder. Confesso que, nessa época, expressava meu gênero acentuando minhas nuances e características ditas masculinas: roupas sociais, barba feita, ‘cabelo na régua’⁷, etc.

Porém, como disse anteriormente, após a pandemia muitas coisas mudaram. Entender-me enquanto travesti transformou também minha maneira de ser e estar em sala de aula. À medida em que afirmava minha transição, estudantes LGBTQIAPN+ chegavam mais próximas/es/os de mim, compartilhavam seus problemas, seus questionamentos, suas alegrias, seus medos e esperanças.

Uma dessas estudantes é Kiwi. Um de seus dilemas é a questão familiar: as dificuldades do relacionamento que tem com seus pais e o irmão por conta do seu ‘jeito de ser’, como ela mesma coloca. E essa trama de aparições percebidas ao passar pela casa de Kiwi enquanto não chego na escola, levam à outras, principalmente, como as dificuldades de diálogo que existem entre a escola e as famílias sobre temas relacionados à gênero e sexualidade.

Sabe-se que, historicamente, “a família foi criada como uma instituição-chave na consolidação da ordem social em que vivemos” (Miskolci, 2012, p. 64), e que talvez por isso, haja ainda um certo tipo de abstenção, de constrangimento, quando algum fato relacionado as questões que envolvem sexualidade acontecem na escola. Existe uma

⁶ Nome fictício.

⁷ Expressão usada para se referir a modelos de cortes masculinos que estão em alta, estilosos.

atitude, em sua maioria, sempre pautada na repreensão e no castigo, e não em posturas que demonstrem possibilidades de buscar táticas para lidar com tais assuntos – inclusive, tão corriqueiros –, sob uma perspectiva mais leve e compreensiva. E essas atitudes de opressão para com os corpos de pessoas como eu ou Kiwi, são reproduções de todo um processo histórico, social e cultural que insistem em perdurar:

Chamados de anormais, pervertidos, doentes, criminosos, desviantes, bichas, “homens femininos demais” e “mulheres masculinas demais” foram identificados, classificados e catalogados pelos dispositivos de poder, desde formas mais sutis de disciplina, muitas delas pretensamente “científicas”, até os modos mais crus de violência. Deste modo, discursos de diversas ordens conjugaram-se, historicamente para consolidar representações sociais depreciativas das homossexualidades, produzindo identidades estigmatizadas e naturalizando as práticas de controle e violência. Em determinados períodos, prevaleceu um discurso religiosos que enquadrava as sexualidades e os gêneros dissidentes como pecados. Em outros momentos, emergiram com maior força os discursos médico-científicos que os rotulavam como patologia ou doença. Por vezes, tornaram-se hegemônicas as visões jurídicas e criminológicas que reforçavam a associação das homossexualidades a crimes e contravenções. Sem falar nos discursos jornalísticos e literários que contribuíram para decantar, culturalmente, estereótipos das pessoas LGBTI+. Todos esses discursos, a despeito dos pesos diferenciados e das eventuais disputas por espaço que tiveram nos diversos momentos históricos, reforçaram-se mutuamente e potencializaram a discriminação sexual e de gênero (Quinalha, 2022, p. 35).

Para com pessoas trans* e travestis a realidade familiar pode ainda ser muito mais violenta. Muito comum encontrar em relatos de pessoas trans* e travesti que assumirem sua verdade foram expulsas de casa por não terem o apoio da família, o que consequentemente gera outros desdobramentos, como o abandono escolar e a vulnerabilidade social, por exemplo.

O desprezo das pessoas [...] me ofereceu uma revelação: estava sozinha, este corpo era minha responsabilidade. Nenhuma distração, nenhum amor, nenhum argumento, por irrefutável que fosse, podiam tirar a responsabilidade sobre meu corpo. Então, eu me esqueci do medo (Villada, 2021, p. 57).

Passar pela casa de Kiwi me faz ressignificar o sentido de ser uma professora travesti, em tornar a escola um lugar menos hostil, buscando realçar as bonitezas de sermos quem somos e romper com as reproduções de violência que as pessoas costumam exercer sobre nós. Não é uma tarefa fácil e é extremamente cansativa. Todo dia, como que Tateando em um lugar escuro, buscamos construir maneiras que sejam luzes – ou ao

menos faíscas –, fazendo com que esses diálogos possam ser abordados sem ferir a dignidade de ninguém.

2.6 O portão da escola

Finalmente estamos diante da faixa de pedestres, em frente à escola. Me preocupo se a maquiagem básica que faço todo dia já escorreu com o suor. O papel toalha que trago na mão, já enxarcado e borrado, já confirma a razão da minha preocupação. A suadeira surge do fato que ando sob um sol manauara de uma hora da tarde. Mas sei que ele também se associa às minhas inseguranças. Cada encontro, cada um desses lugares, cada percepção do que me apareceu durante essa *transvessia*, me deixam mais próxima da linha de chegada e isso me gera uma série de expectativas e questionamentos.

Saí de um local seguro, onde vivo da maneira como quero, onde me sinto livre do jeito que sou: minha casa. Na rua, e como já relatei, vejo e sou vista. Porém, ao mesmo tempo em que passo por esses lugares e pessoas, enquanto apreendo aquilo que aparece para mim, me pergunto: quando passo, o que meu corpo deixa aparecer a quem me vê?

Quando essa pergunta se revela para minha consciência, o suor escorre como que em um fluxo maior e de cada passo que dou brotam diversos questionamentos: será que estou feminina o suficiente para ser vista da forma que me vejo? Será que conseguem perceber os efeitos do hormônio, que meus peitos estão mais salientes? Será que me barbeei direito? Meu andar está muito bruto, que nem de ‘macho’, devo rebolar mais? Essas perguntas que expõem minhas inseguranças a mim mesma surgem ao mesmo tempo em que *converso com* cada lugar por onde passo e é nesse momento em que lembro de que “na travessia, não há dogmas” (Preciado, 2020, p. 40). Meu corpo travesti nunca vai atender ao que as pessoas esperam da ideia reduzida que têm sobre o que é ser mulher. Ou serei sempre um veado ou um homem vestido de mulher. Então, por que ceder a tantas inseguranças?

[...] despida de mentiras, vestida de mim, algumas pessoas me davam medo e eu percebia o desprezo nelas, mas fazia isso sem precisar interpretar, sem escutar às escondidas, sem esquinas da consciência nas quais me retrain. Olhava a vida de frente e de cima, exposta de um modo orgulhoso, mostrando-me completamente e vivendo a experiência íntima mais autêntica possível, [...] (Portero, 2023, p. 158-159).

Se as *conversas* que surgem na medida em que *traveco* sugerem tais questionamentos e reflexões, começo a perceber que certamente a raiz do problema não está em nós, pessoas trans* e travestis: “Como algo tão lindo, algo tão pessoal e tão extraordinário, como compartilhar com o mundo um feito que vibrava pura alegria, poderia ser percebido com tanta maldade por outras pessoas?” (Portero, 2023, p. 156).

Talvez, contrariando um pouco do que escreve Preciado (2020), a única verdade inquestionável, o único dogma que devo abraçar é o de ser feliz sendo quem sou. E toda vez chego em frente à escola suada toco o interfone. Que situações irei vivenciar hoje, nesse espaço que às vezes me parece inseguro? Terei surpresas que possam não ser tão desafiadoras e cansativas, mas que possam acalentar, me dar mais força?

A tranca do portão se abre e eu entro, *travecando!* Suada, mas com muita esperança. Me dispondo a estar aberta a outras *conversas* que surgem todos os dias na escola, onde também vou me fazendo quem sou. Espaço onde, infelizmente, sou desrespeitada – propositalmente ou não – e onde alguns fingem não me enxergar. Mas é também onde sou acolhida, onde sou querida, onde sou vista como sou. Em constante *transvessia* nesse ‘*lugarmovimento*’.

CAPÍTULO III

TRAVECAÇÕES NA ESCOLA

O portão da escola abre como todos aqueles portões que se empurram. Engraçado pensar nisso porque, para mim, empurrar é muito mais fácil que puxar. É mais fácil e mais rápido entrar empurrando. E empurro, ao entrar na escola, não somente o portão, mas tudo o que narrei até aqui. Não tem como desassociar os acontecimentos que me tornam quem sou ao passar do portão: “A fronteira é um espaço de destruição e produção de identidade” (Preciado, 2020, p. 228). Então, ao entrar na escola, sou inteira.

3.1 A sala dos professores

Lembro que no primeiro dia de aula estava extremamente nervosa. Como seria recebida? Como as pessoas reagiriam a notícia de que eu era uma professora travesti? Onde trabalhava no Ensino Médio as coisas já corriam de uma maneira mais natural, mas e num ambiente de trabalho novo, com novas pessoas a encontrar e conhecer? “Mesmo como professora, eu sabia que iria passar por muitos preconceitos na escola. De fato, passei, principalmente com o olhar de outros colegas professores. Eu vi que tinha um olhar diferente ali, [...]” (Reidel, 2013, p. 60).

Me apresentei como uma pessoa trans para os professores, já que estava chegando na escola. Na verdade, posso abrir um parêntese nesse apresentar-me. Na sala dos professores e em sala de aula, ao menos, num primeiro contato – como relato mais a frente –, me apresento como trans mesmo me entendendo travesti. Poderíamos discorrer uma reflexão de como esses dois termos ainda são lidos e encarados socialmente. Percebo que o termo trans ainda parece ser mais aceitável socialmente que o termo travesti. Certamente, por me sentir insegura e até mesmo nervosa diante de espaços e momentos como esses, acabo escolhendo me apresentar como trans por talvez supor uma certa compreensão, que como veremos, não existe por parte de algumas pessoas.

Lembro que levantei da cadeira e suava tanto quanto no percurso diário. Até então, eu não tinha retificado meu nome, então me apresentei com meu nome social. Logo, meu nome civil foi dito só para confirmar quem eu era e uma das professoras perguntou se eu tinha feito a cirurgia de redesignação sexual. O suor parecia mais uma cachoeira... não seriam os últimos constrangimentos, infelizmente.

Algumas pessoas que conheço costumam me perguntar se eu sinto a necessidade de, ao me apresentar, dizer que sou travesti. Nunca parei para pensar se isso é necessariamente uma necessidade – mas faço questão pelo movimento político que meu corpo representa. A sociedade cisnormativa precisa saber que nós, pessoas trans* e travestis, existimos e podemos ocupar espaços de poder, como a escola. Me apresentar, afirmando minha identidade, corrobora para o não esquecimento disso a mim e a ela: “[...], ter professora que se apresenta como travesti transgride padrões impostos pela sociedade – não só a brasileira –, que ainda vê nas travestis o estigma da prostituição, promiscuidade ou outros substantivos (e também adjetivos) que não cabem neste momento” (Souza, 2023, p. 2).

No segundo dia de aula, uma das servidoras – a qual não estava presente no dia anterior – permanecia no portão da escola, conversando com uma multidão de pais que aguardavam o horário de entrada. Eu vestia uma camisa branca e uma calça jeans, mochila nas costas. Tinha feito um delineado medíocre e usava um batom vermelho que ganhei de brinde numa loja de cosméticos ao comprar o perfume que também usava. Naqueles tempos, o chuchu⁸ era gritante. Ela me olhou, pegou no meu ombro, puxou meu ouvido para perto dela e me disse sussurrando: “Dá uma maneirada pra não chocar a comunidade”.

Me senti diante de um desfiladeiro, onde alguém grita algo e o eco fica ressoando bem nítido, demorando a se perder na distância. Isso ficou martelando na minha cabeça por um bom tempo e definiu um pouco minhas *travecações* na escola. Me contive, manerei para não chocar ninguém. Afinal, “[...] o povo não tá acostumado a isso” (Reidel, 2013, p. 56). Algumas pessoas ilustram o processo de transição como o da metamorfose da lagarta que vira uma borboleta. Naquele período, eu certamente retornei ao casulo. Mais uma vez.

Isso diz muito mais sobre como a cisnormatividade oprime nossos corpos do que a servidora especificamente. Se conter para não parecer, se comportar de um jeito que seja aceitável socialmente, ser o mais discreta possível para não incomodar e – na minha cabeça – para se proteger: “Nos adequamos para sobreviver” (York; Oliveira; Benevides, 2020, p. 3).

⁸ Nome que utilizamos para se referir aos pelos do rosto em fase de crescimento, deixando um tom esverdeado onde foram raspados.

Não sei dizer com plena certeza se foi essa a ‘virada de chave’ de que eu deveria tomar novos rumos com o fato de ser travesti e professora. Diante de todas as violências simbólicas às quais fui submetida até ali – mesmo não atravessadas por algumas mais específicas e cruéis – foi essa, especificamente, que me empurrou – tal qual o portão da escola – a refletir constantemente, num sentido mais político, sobre eu ser uma travesti na escola e a importância disso para toda uma comunidade.

Quando penso nos caminhos trilhados pela comunidade trans* e travesti, entendo profundamente a reverência e exaltação feitas às *traviarcas* – termo utilizado por algumas pessoas trans* e travestis ao se referir àquelas que vieram antes de nós, nossas *transcestrais*, que empurraram muitos portões para que pudéssemos ocupar espaços como os que ocupamos agora, mesmo que ainda com muitas dificuldades:

A travesti que surgia do gueto, das esquinas, das periferias, da negritude e na marginalização de corpos que não constava na literatura médica ou nas escrituras sagradas, hoje abre espaço para aquelas que pouco ou nada sabem sobre os próprios caminhos, e que foram abertos no passado (York; Oliveira; Benevides, 2020, p. 6).

Esse reconhecimento e pertencimento se torna, juntamente com a negação de não querer dar uma maneirada, uma espécie de força motriz que me motiva a *travecar* na escola, sem medo de assustar ninguém. As *transvessias* na/da/com a escola sugerem paradoxalmente violência, mas também possibilidades. Eu tenho a liberdade de criar, destruir, brincar, construir, desmoronar, *travecar*:

Largaram nossas mãos, apagaram nossa história, retiraram nossos nomes, identidade e direitos. Negaram nossa humanidade. Mesmo assim, nós fizemos aquilo que a sociedade deseja e rejeita, pois reivindicamos uma liberdade, de ser e existir, de desafiar os limites do corpo e da sexualidade que escapa ao controle, denunciando a opressão colocada sobre aqueles que se curvam diante da cisgeneridade compulsória sem contestá-la” (York; Oliveira; Benevides; 2020, p. 6).

Em alguns momentos, diante dessas situações muito específicas, cedi às maneiradas que a sociedade impõe aos nossos corpos, principalmente por me ver sozinha na escola:

Quando eu chego nesses espaços e não sou eu Sara, mas qualquer corpo, ou um corpo Trans ou um corpo mais agudo nessa discussão, ou um corpo gay, um corpo lésbico, uma mulher lésbica, um homem gay... Quando esses corpos chegam em uma Escola eles causam desconforto. Por que que causa esse

desconforto? Porque não existia “aquilo” até então. Então esse corpo tende a ser rechaçado, a ser retirado, até que a gente pega essa lente e diz: “Não, vamos olhar isso mais de perto, deixa eu ver aqui de perto se a gente tá normal...” E aí, como dizia o grande poeta: “De perto, ninguém é normal” Né? Ninguém é normal (York, 2020, p. 14).

Não que não possa contar com o amparo, respeito e acolhida de algumas e alguns colegas professora/es... Essa realidade não acomete somente a mim, mas é um apontamento constante de outras professoras trans* e travestis, segundo algumas entrevistas e artigos que abordam o tema.

Marina Reidel professora trans, ao ser entrevistada pelo Portal UOL (2014), reafirma que um dos grandes problemas enfrentados por elas são os causados por colegas professores: “Eu senti uma dificuldade no início com os colegas professores, as meninas me contavam a mesma situação. O preconceito surge nos pares: enquanto alunas, o preconceito aparece nos alunos; quando professora, com os professores” (Reidel, 2014).

A também professora travesti Herbe de Souza, em uma entrevista, diz:

O grande problema que eu vejo até hoje não é nem a questão da criança, mas são os pais e, dentro da escola, as professoras. A sala do professor é o pior lugar. Um dos piores lugares para se estar, apesar de gostar muito da simbologia da sala dos professores (Souza, 2013, p. 7).

Por muito tempo acreditei que minha presença, enquanto corpo travesti na escola, poderia diminuir a distância existente entre mim e meus colegas de profissão. Porém, quanto mais o tempo passa e a partir de muitos relatos como os descritos acima, mais percebo que as pontes entre nós eram uma ilusão. Na verdade, são muralhas bem grandes e fortificadas que nos separam. E sei que, por serem postas deste jeito pela sociedade ao longo do tempo, não há como demoli-las de uma vez.

E essas muralhas têm sido um dos grandes desafios da minha *travecação*. A necessidade que sinto em ter a paz que tenho em casa, no meu lar, se estende à escola por ser o ‘*espaçotempo*’ onde mais vivo parte do meu tempo cotidiano. Pensei por muito tempo que a convivência seria um grande passo à normalização, ao respeito e à acolhida. Ledo engano... É tudo um processo. Esqueço que sou serva do tempo e, mais uma vez, não adianta tentar demolir uma muralha por mim mesma. Certamente com o tempo, a muralha se desgasta. Mas ela não vai cair de uma vez. Ou talvez nem caia.

Sara York, Megg Oliveira e Bruna Benevides comentam em seu Manifesto Travesti (2020) algo que não tinha vindo à consciência por eu ter criado uma visão um

tanto romantizada da minha *travecação* na escola. Não importa se tive certos privilégios e que estes me isentaram e ainda me isentam de violências bem específicas comparadas àquelas que pessoas trans* e travestis que vivem outros recortes sofrem. O fato é: ser uma travesti que ocupa '*espaçostempos*' importantes, como a escola ou como a câmara dos deputados, por exemplo, não me isenta da transfobia, pelo simples fato de ser travesti:

Muitas vezes, são nossos títulos, nossas carreiras, e a forma com que negociamos este acúmulo de elementos a que a maioria das travestis não terá acesso, que nos autorizam a circular por determinados espaços, sem a garantia de sucesso ou segurança. Esses mesmos títulos não nos protegem da travestifobia (York; Oliveira; Benevides, 2020, p. 8).

Deixando de lado algumas pessoas específicas, é importante mencionar que minha relação com outros funcionários da escola se dá muito bem. Com as merendeiras, com a equipe de serviços gerais e os agentes de portaria, principalmente. São pessoas que, em sua maioria, conhecem ou têm pessoas trans* e travestis em seu convívio. Minha chegada na escola, para elas, foi algo extremamente natural. Algumas professoras também foram se desprendendo de algumas amarras ao me conhecer e perceberem, também através do meu modo de trabalhar, que sou peça importante nos movimentos da escola.

Acredito que esse modo de trabalhar não é fixo, está sempre em transição. Por muitas vezes, me vejo insatisfeita com as condições de trabalho às quais somos colocadas/es/os. Segundo matéria do G1 (Brasil..., 2022), fatores como o envelhecimento do corpo docente, a mudança de carreira, o desinteresse e o abandono de jovens nos cursos de licenciatura, são alguns dos motivos da insatisfação com a profissão. Além desses percalços existentes no trabalho docente, agora sob um viés mais específico, aplicado às minhas vivências enquanto travesti, podemos refletir sobre o quanto a escola se distancia de alguns aspectos da realidade ou que deve melhorar para se realizar enquanto espaço de educação: “[...] o ambiente escolar ainda observa as travestilidades e as transexualidades com uma visão muito limitada e não conseguem perceber que existe uma diversidade dentro da sexualidade, que envolve às identidades de gênero e suas performances” (Nogueira, 2018, p. 3).

Geralmente percebe-se uma espécie de fuga quando temas ou acontecimentos relacionados à gênero ou sexualidade sobressaem-se na escola e os preconceitos que são reproduzidos por algumas/alguns professoras/es em relação ao meu corpo travesti, infelizmente também se estende às/es/aos estudantes: “A todo tempo, a violência gerada,

fruto da homofobia⁹ e do preconceito, exclui ou transfere o problema para além da escola. Os professores fingem não ver o que acontece com os alunos e alunas LGBT no interior das salas de aula” (Reidel, 2013, p. 62).

Essa falta de sensibilidade ou ação de parte do corpo docente pode ser interpretada, num campo pedagógico, como a falta de incentivo a formações sobre essa temática e muitas outras que envolvem os Direitos Humanos no geral, já que não são presentes apenas casos de homotransfobia na escola, mas também racismo, misoginia, etc: “a Educação e a escola precisam assimilar as noções de orientação sexual e identidade de gênero para combater a homofobia em todas as suas dimensões. Infelizmente, constatamos que faltam metodologias, pesquisas e informações para reconhecer a legitimidade e as estratégias desses espaços” (Reidel, 2013, p. 56).

Para ilustrar um pouco as limitações e desafios encontrados no que diz respeito às formações docentes voltadas para as temáticas de gênero e sexualidade, utilizarei como referência um artigo publicado em 2023 que “analisou a implementação das formações continuadas docentes em sexualidade na Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério (DDPM) da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Manaus, desde sua criação, em 2000, até o primeiro semestre de 2018” (Rotondano, 2023, p. 1).

O primeiro apontamento presente no artigo é que as formações, desde o início, foram consideradas como um problema pelo fato de não haver na equipe formadora, profissionais da área da psicologia, sendo estes consideradas/es/os pelas/os professoras/es como profissionais mais adequadas/es/os para abordar o tema (Rotondano, 2023).

Isso me transporta diretamente a uma situação que vivi num grupo de professoras/es que tinha como objetivo trocar ideias, sugestões, compartilhar datas de formação e outros eventos sobre o componente curricular em comum que trabalhava na época, a saber, Ensino Religioso. Fui convidada a participar de uma roda de conversa, juntamente com outras pessoas trans* e travestis, promovida por alguns estudantes do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, que tinha como tema “Infâncias Trans”.

⁹ Nota-se que homofobia, conceito criado para se referir às violências cometidas por conta de orientação sexual não heteronormativas, também é utilizado pela autora ao preconceito e violências contra pessoas trans* e travestis. O fato é que, em 2013, ano de publicação da produção, o termo hoje utilizado para se referir especificamente a nossa população, a saber, transfobia, não era utilizado com frequência como o é atualmente. Portanto, homofobia se refere às violências por conta da orientação sexual e transfobia às violências por conta da identidade de gênero trans* e travesti.

Naturalmente, divulguei o evento nas redes sociais e nos grupos de Whatsapp que estava inserida, e, conseqüentemente, também neste grupo. Alguns professores repudiaram o convite, dizendo que com esses eventos a Universidade tem como intento doutrinar futuras/es/os professoras/es, na tentativa de ir contra princípios e valores estabelecidos – isto é, cristãos. Minha intenção ao enviar o convite aos grupos não foi a de provocar discussões ou afrontar ninguém. Estava empolgada por ter sido convidada a participar de um evento acadêmico onde eu poderia compartilhar minha história. No fim, o administrador veio em uma conversa privada comigo pedindo desculpas pelos comentários das/os colegas e configurou o grupo para que só ele pudesse mandar mensagens.

Acho interessante trazer um aspecto que também foi mencionado na discussão: que a não presença de profissionais da psicologia corroborava com essa ideia de que a roda de conversa seria tendenciosa, não sendo um evento sério ou que agregasse conhecimento. A pergunta que fiz e faço agora é: um/a/e psicólogo/a/e conseguiria narrar uma infância que eu mesma vivi?

Essa pergunta nasce sem a intenção de desmerecer os profissionais que estudam, pesquisam e abordam questões como essas. Na verdade, ela nos leva a refletir sobre a criação de uma visão cristalizada que atribui somente a essas/es profissionais um discurso de autoridade sobre este tema e que descarta narrativas e as vivências de pessoas que vivem esta realidade, que por isso também possuem um discurso de autoridade. O fato é que ainda existe uma dificuldade de entender que experiências “não acadêmicas” também produzem conhecimento e que estas contribuem para um entender mais abrangente da realidade.

Voltando ao artigo, ele descreve que ao longo dos anos “a Divisão constituiu diversas equipes para abordar a temática da sexualidade, cada uma com objetivos, percepções correlatas e formas específicas de desenvolver o trabalho” (Rotondano, 2023, p. 3). Vale ressaltar que as formações tinham como referência os conteúdos sobre “Orientação Sexual”, um dos Temas Transversais presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Rotondano, 2023).

Em 2014, “na votação do Plano Nacional de Educação para o decênio 2014-2024 (Lei Federal 13.005/2014), o gênero e a diversidade sexual foram retirados do documento” (Rotondano, 2023, p. 3). Essa retirada influenciou a elaboração do Plano Municipal de Educação do ano de 2015, onde temas referentes à sexualidade e gênero

sofreram vários ataques. Além do fortalecimento do Movimento Escola Sem Partido (MESP)¹⁰ que promovia estúpidas ideias como o termo ‘ideologia de gênero’¹¹, um deles foi a apresentação de um projeto de Lei (PL) 389/2015 que tinha como objetivo barrar quaisquer discussões sobre as temáticas nas escolas municipais:

Art. 1.º Fica proibida a inserção, na grade curricular das escolas do município de Manaus, a orientação política pedagógica aplicada à implantação e ao desenvolvimento de atividades pedagógicas que visem à reprodução do conceito de ideologia de gênero. Art. 2.º Considera-se, para efeito desta Lei, como ideologia de gênero a ideologia segundo a qual os dois sexos, masculino e feminino, são considerados construções culturais e sociais (Rotondano, 2023, p. 4).

Mesmo com várias tentativas de professoras/es, profissionais da área dos Direitos Humanos, membros de organizações como Conselho Regional de Psicologia e de Serviço Social e entidades de defesa dos direitos das pessoas LGBTQIAPN+ de apontar a inconstitucionalidade do projeto, ele é aprovado em 2017 e entra em vigor quatro dias após sua aprovação.

Porém, ainda segundo Rotondano (2023, p. 13) em 2019, o pleno Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas (TJAM) votou por unanimidade pela inconstitucionalidade da Lei 439/2017; e, em janeiro do ano seguinte 2020, o Supremo Tribunal Federal confirmou o acordo do TJAM, após a Câmara Municipal de Manaus interpor à decisão.

Independente disso, todos esses acontecimentos ganharam mais desdobramentos com a difusão das ideias do Movimento Escola Sem Partido (MESP), e mostrou o quanto discussões sobre gênero e diversidade sexual aplicadas à Educação foram deixadas de lado, quando não lidas sob um ponto de vista negativo:

as formações em sexualidade passaram a entrar em choque com o discurso do legislativo e com o de familiares de alunos(as) e educadoras(es) defensoras(es) do discurso da “ideologia de gênero”, até mesmo dentro do âmbito da DDPM – o que garantiu à equipe a sensação de que, de todas as diversidades, a sexual é a mais difícil de ser aceita e trabalhada (Rotondano, 2023, p. 12).

¹⁰ “[...] iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior” (Nagib *in* Rotondano, 2023, p. 9).

¹¹ “A expressão ‘ideologia de gênero’ é uma categoria política acusatória, de combate contra o postulado do gênero como construção social” (Rotondano, 2023, p. 6).

A ‘ideologia de gênero’ encontrou neste campo um meio de se entranhar contando com ajuda da religião a atingir outros âmbitos e instituições, como a família e a escola, por exemplo: “as narrativas antigênero postulam que a educação das crianças não deve sofrer interferências indevidas por parte de escolas, acusando-se tais instituições (que teriam se convertido em espaço de “doutrinação”) de planejar a implantação da “ditadura do gênero” (Rotondano, 2023, p. 8).

Essa perspectiva, além de dificultar processos formativos no campo do gênero e da sexualidade, ainda é presente em alguns discursos e se materializa em muitas situações de violência para com pessoas LGBTQIAPN+ que tanto ocupam ‘*espaçostempos*’ como a escola: “Os professores fingem não ver o que acontece com alunos e alunas LGBT no interior das salas de aula” (Reidel, 2013, p. 62), quanto àquelas/us/es que nela ocupam um lugar de poder.

Um caso recente é o da professora travesti Emy Santos, de 25 anos, que foi submetida a uma investigação da prefeitura de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, por se vestir de princesa em sala de aula. Segundo a matéria do site Metrôpoles¹², o deputado João Henrique Catan (PL) afirmou na tribuna:

A pauta da esquerda tem a intenção de proibir os alunos de levarem celular para dentro das escolas. Eu peço para colocar no telão o que um celular na mão de um aluno pode mostrar para o parlamento, para a sociedade. Um professor da rede pública municipal, mostrando para alunos de 7 anos de idade, como se veste, montado, de travesti. Um homenzarrão (Cappelli, 2025).

E ainda continuou:

Eu quero oficializar a rede pública, a Comissão de Educação aqui da assembleia também. Eu quero saber quem é esse professor, eu quero saber quem é esse diretor que permitiu que um professor entrasse na sala de aula fantasiado de travesti. Isso está no plano de ensino? (Cappelli, 2025).

A professora, que é servidora da secretaria há um ano, “disse ter sido convidada a comparecer à escola fantasiada no primeiro dia de aula” (Cappelli, 2025), e rebateu as críticas afirmando:

Sou uma profissional, uma educadora, estudei para isso, sou uma mulher trans, sou travesti. Essa é minha identidade. Arte é arte. Foi um dia especial na escola. Fui convidada a me fantasiar para receber as crianças de forma diferente para o primeiro dia de aula! (Cappelli, 2025).

¹² Disponível em: <https://www.metrolopes.com/colunas/paulo-cappelli/prefeitura-investiga-professora-trans-por-se-vestir-de-barbie-em-aula>. Acesso em: 25 fev. 2025.

E concluiu afirmando:

Meu plano de aula está correto, tudo encaminhado com muito cuidado, trabalhando a criatividade e imaginação das crianças! Tenho meus documentos retificados, tenho diploma, tenho família e sou muito respeitada, porque minha vida é lutar para um mundo melhor e sem preconceito! Espero que a justiça seja feita! (Capelli, 2025).

A fala do deputado além de escancarar a transfobia para com a professora Emy, sugere também a falsa ideia de que professoras/es LGBTQIAPN+ ensinam os estudantes a serem LGBT: "Você não vai ensinar ninguém a ser travesti, gay ou lésbica, mas a gente deixa os alunos mais sensíveis para o direito à diversidade e o respeito ao outro" (Reidel, 2014), mas como visto, esse direito e respeito só devem ser aplicados a populações específicas...

Em relação a minha vivência enquanto professora travesti a sensação de que devo voltar àquele lugar de 'dar uma maneirada para não chocar' é justamente o de ser extremamente comportada e eficiente, não me permitindo cometer nenhum 'deslize' no que diz respeito à minha travestilidade, acrescentado à abordagem da temática do gênero e sexualidade tanto em questionamentos naturais feitos pelas/es/os estudantes, como em situações em que me deparo com a necessidade de intervir contra algum comentário homotransfóbico:

A professora transexual e travesti deve ter um padrão e uma conduta ética quando exerce essa ocupação, pois a qualquer momento ela estará sendo julgada ou fadada às críticas morais, que levarão a demissão ou a processos administrativos, por conta da sua sexualidade [identidade de gênero] (Reidel, 2013, p. 98).

3.2 O pátio da escola

A estrutura física da escola onde *traveco*, em síntese, resume-se em dois pavilhões onde há salas de aula, banheiros, biblioteca, sala de recursos e laboratório de ciências. Na parte central, entre os dois pavilhões, se localizam a sala dos professores, a sala da gestão, secretaria e a sala da coordenação pedagógica. Do lado direito, fica a cozinha, a cantina, as mesas onde os estudantes comem e uma espécie de palco onde geralmente ocorrem apresentações culturais e homenagens. No fundo do pavilhão do lado inverso, o esquerdo, podemos encontrar o auditório, onde geralmente se realizam projetos ou aulas que

precisem de um espaço maior que o da sala de aula, um depósito, a quadra de esportes e a sala de informática.

Em frente à sala dos professores, próximo ao portão já aqui mencionado, há uma espécie de pracinha, com uma árvore, algumas mesas de concreto e um banco de madeira bem colorido. Eu considero como um *point* de encontro, onde geralmente estudantes se sentam para conversar, observar o movimento no pátio, ler algo, ou merendar num ambiente menos lotado que o refeitório.

Nas poucas vezes que me sentei ali, no intervalo, participei de algumas dessas conversas, dando minha opinião e conselhos quando solicitada. Outra vez, uma estudante perguntou se podia fazer umas tranças em mim e eu deixei. Fofocamos demais naquele dia. Momentos como esses são muito preciosos para mim. Nessas pequenas oportunidades que surgem naturalmente há muita troca. Posso conhecer melhor a realidade das/os/es estudantes com quem encontro toda semana. Os meninos se sentam geralmente para falar sobre futebol e assuntos afins e as meninas para falar sobre alguma coisa relevante que aconteceu na escola aquele dia. Às vezes, elas também falam sobre esportes que praticam e às vezes os meninos falam sobre música ou desenhos animados que indiquei em algum momento. Falam sobre seus cotidianos, sobre afazeres domésticos, sobre seus pais e suas mães, sobre o que gostam de fazer aos fins de semana...

Alguns temas das conversas em nossos encontros me levam a refletir sobre como os marcadores de gênero ainda são reproduzidos e isso talvez justifique algumas dificuldades na construção de um discurso que rompa essas normas binárias, mesmo que em outros momentos, o comportamento e as posturas não se revelem tão marcadas assim.

O que de fato ficam é o respeito e acolhida que não encontro entre a maior parte de meus colegas e que se traduzem em gestos como esse. Não que eu queira que meus colegas professores trancem meu cabelo! Só queria que as muralhas que nos separam fossem menores e eu fosse vista como sou: “porque eles olham a casca, não olham para dentro. Olham o que está fora primeiro. Nós temos esse velho hábito de olhar primeiro o que está fora e já criar toda aquela expectativa e preconceitos” (Souza, 2023, p. 9).

Nos intervalos, quando não me sento na pracinha, gosto de dar uma volta, construindo uma *transvessia*, pelo pátio da escola. Brinco com quem está na fila da merenda, principalmente quando é pão com ovo – um dos mais queridos do cardápio. Só não chega a ser quilométrica porque a escola não é tão grande assim! É uma graça. E enquanto passo, alguns meninos bagunçam com o time de futebol pelo qual torço; as

meninas me abraçam com um sorriso no rosto, me chamando de “diva”, lembrando que teremos aula em breve e – também – bagunçando com o time de futebol pelo qual torço. Mas, como acredito que não há imparcialidade também em relação aos afetos, eu amo encontrar as/os/es estudantes LGBTQIAPN+:

[...] os alunos recorrerem às professoras *trans* para consultá-las sobre tudo, suas particularidades e suas histórias. Neste aspecto, também é notório que não são só os alunos LGBT que procuram as professoras, mas, em geral, todos os alunos aproximam-se delas e, muitas vezes, colocam-na em evidência, sendo paraninfa, conselheira e até mesmo eleita melhor professora da escola. Ela se assume como adulto de referência (Reidel, p. 106, 2013).

Esse encontro em específico é muito significativo para mim, não somente como professora, mas também como travesti. Enquanto as *transvessias* que se dão no caminho de casa para a escola e as que ocorrem na sala dos professores me levam a refletir sobre questões não tão agradáveis que existem em relação ao meu corpo “pois sendo professora e mulher *trans* tenho que ser uma excelente professora e uma mulher muito mais mulher que as outras, para não ser chamada de homem vestido de mulher” (Reidel, 2013, p. 11), as que acontecem no pátio da escola é bem diferente.

Nos reconhecemos de alguma forma que não sei descrever. Se tento trazer a imagem do espelho, acabamos nos enxergando como reflexo umas/es/os das/es/os outras/es/os nesses encontros que muitas vezes nem duram cinco segundos! E esse reconhecimento se traduz realidade quando algumas/es/ns delas/us/es me chamam para conversar sobre algumas situações que passaram na escola ou em casa, com a família; ou quando dizem que sou a professora favorita ou a melhor que tiveram: “[...] transexuais e travestis são protagonistas desta nova forma de educar para a vida, principalmente de adolescentes que vivem e que necessitam o tempo todo dialogar” (Reidel, 2013, p. 52).

O pátio da escola se torna um prelúdio de um ‘*espaçotempo*’ onde meus sonhos enquanto travesti e professora se tornam reais mesmo que por alguns instantes. É nele que renovo meu compromisso com a educação e minhas motivações de estar ali, mesmo não sendo fácil em muitos sentidos. Os encontros que ali se dão, repletos de ‘*conhecimentossignificações*’, podem servir como uma confirmação de que as relações construídas em sala de aula e as *travecações* que ali ocorrem são positivas:

[...] a pedagogia exercida pelas professoras transexuais e travestis carrega um pouco dessa paixão, deste amor pelo trabalho, da dedicação e do esforço por estar ali vivendo estas experiências. [...] elas não estão ali como objetos de

estudos científicos ou biológicos, e, sim, pelo fato de ensinar, mostrar-se presente, atuante e com uma dedicação àquilo que idealizaram nas suas vidas. [...] é um viver travesti e/ou transexual no cotidiano de uma escola, a gritaria dos corredores, as vivências e relatos. É, sem dúvida, entender o que muitos professores não entendem ou não querem entender (Reidel. 2013, p. 52).

É o pátio que me leva às salas de aula. E, de todos os ambientes que compõem fisicamente a escola toda, é nelas que tudo culmina. Os hormônios, a curiosidade, o estresse, a alegria, a transparência, a tristeza, a revolta, a decepção, as conquistas, a autodepreciação, os risos, a confiança, a sinceridade, o medo, o arrependimento, o ensino, a aprendizagem, a democratização do poder, a diversão, a ansiedade, os ‘lacs’, a liberdade, o preconceito, as dúvidas, o afeto, o masculino, o feminino, a travestilidade.

CAPÍTULO IV

TRAVECAÇÕES NA SALA DE AULA

Como professora da rede pública municipal, trabalho 20h semanais. Dessas 20h, 4h são dedicadas ao horário de tempo pedagógico – HTP. Nos dias de HTP, as/es/os professoras/es podem planejar aulas, atualizar o diário digital, corrigir atividades, avaliações, participar de formações etc. Segundo orientações da própria SEMED – Manaus, cada dia da semana corresponde aos HTPs segundo a área de conhecimento. Nas segundas, Língua Portuguesa. Às terças, Matemática. Às quartas, Língua Inglesa, Artes e Ens. Religioso. Às quintas, História e Geografia. Às sextas, Ciências e Ed. Física. As 16h restantes são as que todas/es/os ficam em sala de aula.

Trabalhando o componente de Artes, tenho 1h de aula por turma. Logo, para completar minha carga horária, preciso de 16 turmas o que, no caso, na escola onde trabalho, é o número total de turmas que existem. Cinco turmas de 6º ano, quatro de 7º anos, quatro de 8º anos e três de 9º anos. Então, considerando essa realidade, encontro com todos as/es/os estudantes durante a semana.

4.1 Amarelas com uma janela no meio

Muitas portas existem ao longo dessa *transvessia*. Chegamos, finalmente, na porta da sala de aula. Mesmo todas sendo amarelas com uma janela no meio cada uma é diferente da outra. Existem aqueles estudantes que acabam, sem querer, batendo a porta com força constantemente até que uns pedaços dela caem; os pintores que esquecem de passar tinta em alguns pontos; a maçaneta que não existe há tempos; as que emperram; as que sempre lembram de passar óleo; as sem vidro onde deveria haver um...

Não sei se essa será a última vez que falaremos de portas neste texto. O interessante é perceber que toda vez que as portas aparecem por aqui, junto com elas, uma reflexão e não somente isso. Começo a acreditar na constatação de que eu deveria ter dedicado mais meu debruçar sobre elas. As portas por quais quando eu entro, sou de um jeito e quando saio, sou de outro: “Mas uma pessoa é como um rio que corre e muda e no qual ninguém pode se banhar duas vezes”, afirma Preciado, parafraseando o pré-socrático Heráclito (2020, p. 207). As portas que fechei por abrir outras. As portas que fecharam me fazendo procurar por outras a abrir e seguir caminhos que nunca imaginei conhecer.

As portas que me trouxeram àquelas que são uma das mais importantes do meu cotidiano. As portas amarelas com uma janela no meio.

A janela no meio já sugere um pouco do clima de vigilância que se instaura na escola. Minha intenção não é discorrer e apresentar argumentos foucaultianos sobre isso. Já existem muitas pessoas que fazem isso. O importante é trazer a janela da porta como um instrumento que apenas sugere vigilância, não necessariamente que ela ocorra. Dependendo do rosto do professor que ali aparece, a reação é diferente. Geralmente, o silêncio abafa a barulheira da bagunça. Quando é a gestora da escola então. O ruim é que ela é baixa, então sua entrada em sala de aula é sempre uma surpresa.

A professora travesti é uma das mais queridas da escola. Sempre recebida com palmas, ovacionada, uma *diva* da educação. Essa euforia quando eu chego em sala é mais evidente nas turmas de 6º anos. Quem não gosta de uma novidade, não é? Mas claro que essa reação se dá após o primeiro dia de aula. Todo início de ano letivo é isso: encaro como uma preocupação e desafio o primeiro contato com turmas de novas/es/os estudantes.

4.2 Uma travesti é algo complicado de explicar¹³

Eu entro na sala e são muitos rostos ansiosos e curiosos para conhecer a nova professora. Não consigo captar todos, geralmente, são mais de trinta pré-adolescentes cheios de vida e empolgação por estarem finalmente no ensino fundamental II. Nos olhares que apreendo, consigo escutar cochichos espontâneos e o som de uma vontade que quase explode em querer me encher de perguntas: “o olhar dos alunos sobre esta professora e o despertar da curiosidade diante da imagem deste corpo que transita” (Reidel, 2013, p. 105).

Como disse mais acima, ao me apresentar, opto em dizer que sou uma pessoa trans – e não travesti, pelos motivos também narrados mais acima. Deveria ser algo extremamente natural para mim ao fazer isso, mas toda vez que chega o momento em que devo conhecer turmas novas, sempre crio expectativas em relação a como as/es/os

¹³ “...todo mundo diz isso, é complicado demais explicar para os pais e complicado demais explicar para os meninos o que é uma travesti” (Villada, 2021, p. 159). A autora tenta trazer a partir de uma situação em que a chamam de ‘senhorito’ o constrangimento e a vergonha sentidos pelas pessoas (especificamente, homens cis) ao esta revidar, de maneira inusitada, o desrespeito a sua identidade e que não seja necessário um desperdício de energia e tempo ao tentar explicar com quem não se importa conosco.

estudantes irão reagir a isso. Dependendo da turma, as reações divergem bastante, mas no geral são sempre positivas e acaba dando tudo certo.

Entro na sala bem séria, pego o pincel da bolsa e coloco o meu nome no quadro e o componente que iremos trabalhar ao longo do ano. E sempre é o mesmo discurso pois faz parte da performance:

“Boa tarde, turma! Eu me chamo Mikelly e serei A professora (com ênfase no A) de artes de vocês esse ano. Antes da gente começar nossa aula, eu queria combinar algumas coisas com vocês, tá bem? Alguém aí já ouviu falar em pessoa trans?” Aqui as respostas são sempre afirmativas. Em algumas turmas, algumas/es/ns delas/us/es/ até soltam um: “Tenho uma prima/tia/irmão que é trans que nem a senhora”. Isso me conforta. Mas ainda continuo o discurso. “Pois bem, eu sou uma pessoa trans, uma mulher trans. Meus pronomes são os femininos, ela/dela. Por isso, sou professora (novamente, com ênfase no a) de vocês. Eu gosto de falar isso logo no início pra que a gente possa construir um ambiente de respeito entre nós e viver isso desde já, beleza? Alguém tem alguma pergunta?” Geralmente, nunca acontece de perguntarem sobre meu gênero. Perguntam quantos anos eu tenho, por exemplo.

Depois disso, me despeço da professora séria e encarno a *diva* que eles aprendem a amar com muita facilidade. Voltaremos a esse ponto em particular mais a frente pois acredito que o afeto é fundamental no processo educativo.

Porém, como eu disse, nem todas as reações são as mesmas em algumas turmas. Esse ano recebi uma pergunta que me fez pensar bastante. Logo após a deixa, um estudante perguntou: “Professora, a senhora conhece Lucas Pavanatto?”. Eu respondi que não, mas infelizmente tenho o desprazer de saber quem é este ser: um dos vereadores mais votados em São Paulo, extremamente transfóbico. Dei continuidade a aula, prestando atenção nesse aluno em particular, tentando escutar as conversas com os colegas e a maneira como ele se comportava. Ele costuma cantar o jingle da campanha do ex-presidente ou citar seu nome, sem necessidade alguma, até porque é raro eu tratar sobre política nesse sentido e com os 6º anos.

Por ser uma situação recente, continuo a sondá-lo, não no sentido de vigiar e punir, mas no sentido de entender suas intenções ao falar e fazer tais coisas e a criar táticas que, segundo Michel de Certeau (2014), são entendidas como um

(...) movimento ‘dentro do campo de visão do inimigo’, e no espaço por ele controlado. Ela não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto

global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. (...) Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas (Certeau, 2014, p. 95).

O que gostaria de ressaltar sobre essas situações, que acontecem em sala de aula, me fazem refletir sobre como a maioria das famílias desses estudantes infelizmente foram contaminadas por essa ideologia preconceituosa, que nos usa como a causa de toda a imoralidade e perversidade do mundo e que, de certa forma acabam reproduzindo isso com constância: “eu também tenho que falar para os meninos que eles não são os culpados pela educação que eles tiveram, porque se a mãe ou o pai ensinam mal o menino, ele vai reproduzir tudo o que foi ouvindo” (Souza, 2023, p. 16).

Só que, diferentemente do que acontece na sala dos professores, em sala de aula, com pré-adolescentes, cheios de perguntas a serem feitas, eu assumo uma postura pedagógica ao tratar desses assuntos quando eles surgem:

[...] o meu corpo por si só está falando de uma relação de gênero e eu não tenho como não falar. Se o aluno perguntar, eu vou falar! Claro que dentro da faixa etária dele. Então não tem como não falar de gênero. Eu sou uma pessoa que estou no gênero do meio, eu estou na coluna do meio, não tem como não falar (Souza, 2023, p. 15).

Essa abordagem é extremamente importante, principalmente – mas não somente – para aquelas/us/es que têm uma família extremamente conservadora, por exemplo. É naquele momento que elas/us/es têm a oportunidade de ter contato com uma realidade diferente e conhecer um outro ponto de vista, uma outra vivência. Para muitas/es/os delas/us/es sou a primeira travesti com quem elas/us/es estão tendo contato! “O corpo não é propriedade, mas relação. A identidade (sexual, de gênero, nacional ou racial) não é essência, mas relação” (Preciado, 2020, p. 178).

Então, um discurso e uma postura que proporcionam uma amplitude de visão do mundo em que estão pode contribuir na construção de uma mentalidade mais respeitosa em relação às diversidades que fazem parte desse mesmo mundo em que vivem, mas que por diversos motivos não são enxergados, não são ouvidos.

Minhas *travecações* que se dão na escola podem parecer complexas e talvez o sejam. Porém, admito que entre minhas *travecações* e a vivência da pré-adolescência das/es/os estudantes com as/es/os quais convivo em sala de aula, as diferenças, mesmo que muito específicas em cada caso, não são muito gritantes. Sinto que estamos descobrindo outras formas de viver, de conhecer e entender a realidade. E coisas novas

costumam dar medo, nos deixar inseguras/es/os. E assim como todo processo de transição – seja de gênero ou não –, “desejar a mudança não implica estar preparado para assumir a transformação quando ela se produz. A mudança nunca é a mudança que esperávamos. A mudança, diz o diabo com uma risada sarcástica, é a M-U-D-A-N-Ç-A” (Preciado, 2020, p. 206). Assim como o “meu corpo está mudando” (Preciado, 2020, p. 205), o corpo delas/us/es também está, e não só o corpo, mas essa relação com o mundo e conosco mesmas/es/os.

Essas relações que se constroem na sala de aula, mesmo que complicadas de explicar, podem caracterizar um dos pontos que tornam este ‘*espaçotempo*’ um lugar de possibilidades e dentre muitas, uma delas é criar. Passo a enxergar minhas *travecações* e suas relações com as vivências de sala de aula como um ‘*conhecimentosignificação*’ onde “[...] nada do que acontece é excepcional, faz parte de uma metamorfose planetária. É preciso reinventar tudo” (Preciado, 2020, p. 213).

Sabemos que existem coisas que não precisam ser explicadas, ainda mais se forem complicadas demais por envolverem o sentir, o afeto. Não é porque somos professoras/es e estudantes que deixamos de sermos pessoas ao assumirmos nossas respectivas funções. Todas as pessoas são diferentes umas das outras e trazem consigo aprendizados, vivências e emoções. Usar essas diferenças que nos tornam únicas e únicos como algo positivo em sala de aula se faz fundamental para mudanças também positivas: “[...], os alunos [...], convivendo com as diferenças e aproximações, começam a respeitar, entendendo os processos. A convivência e a curiosidade desmistificam o preconceito” (Reidel, 2013, p. 84).

Então, aos poucos, a sala de aula deixa de ser um lugar de opressões e se torna um ‘*espaçotempo*’ de transformações. Quando digo que a sala de aula pode ser um lugar de opressão volto aos tempos em que eu era a estudante. Uma criança acima do peso, extremamente afeminada, que andava somente com as meninas: um ‘prato cheio’ para quem reproduzia o comportamento machista e violento que ainda insiste em perdurar até hoje. Ser uma pessoa LGBTQIAPN+ não é fácil em nenhuma fase: não foi quando eu era criança, nem quando fui adolescente, não está sendo enquanto jovem adulta, mas torço honestamente para que minha velhice seja tranquila. E sendo professora, nem precisaria fazer essa viagem para constatar que isso é uma verdade que se aplica às pessoas de nossa comunidade.

Minhas vivências de certo me tornaram sensível a esse retrato da realidade e, aos poucos, fui me tornando, mesmo sem querer, uma referência não somente para estudantes LGBTQIAPN+. Assumir essa responsabilidade possibilita a o que a sala de aula deve ser:

A partir do momento que a professora é *trans*, alguns alunos se aproximam e passam a ter uma confiança naquela profissional. No entanto, ela também tem o dever de saber que seu papel educativo é o de provocar no aluno um aprendizado em relação às questões sociais e culturais importantes na contemporaneidade. Ela deverá agir favorecendo direitos, deveres, promoções e conquistas a todos os alunos, independente de posições ou características diferentes (Reidel, 2013, p. 59).

Para contribuir nesta reflexão sobre a minha atuação enquanto professora travesti, gostaria de continuar nossa *transvessia*, trazendo duas convidadas que ajudam a fundamentar o que acredito ser necessário para a Educação.

Percorreremos juntas/es/os, os corredores que se fazem entre uma fila e outra. Infelizmente, as salas de aula da escola onde estamos não são tão grandes a ponto de fazermos uma roda ou meia lua. De vez em quando a gente esbarra numa mochila, numa garrafa ou estojo, mas não chega a causar um acidente grave. Não se preocupe. Cumprimentando cada estudante que está ali, vamos tecendo através das conversas com nossas convidadas, bell hooks e Marina Reidel, as possíveis aproximações entre as ideias de uma educação para a liberdade, a pedagogia do salto alto, as *travecações* e as *transvessias*.

4.3 ‘Aprendendoensinando’ a transgredir de salto alto

Na obra chamada *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2017), a educadora norte-americana bell hooks apresenta algumas reflexões que faz sobre ensino e a educação a partir de uma perspectiva libertadora, tendo como referência e inspiração Paulo Freire, apontando e discutindo como a educação pode ser uma área que favorece a transformação social, em oposição às estruturas de opressão ligadas a raça, classe e gênero, sendo estas reforçadas, muitas vezes na sala de aula.

Já na dissertação *A pedagogia do salto alto: histórias de professoras transexuais e travestis na Educação Brasileira*, defendida em 2013, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul por uma professora trans chamada Marina Reidel, somos apresentadas/es/os pela autora à reflexões sobre práticas

pedagógicas exercidas por algumas professoras trans* e travestis, registradas a partir de entrevistas, onde, em síntese, contam um pouco de suas vidas e suas trajetórias enquanto professoras. Então, quando falamos da pedagogia do salto alto, falamos das práticas de várias professoras trans* e travestis, como eu: “Falar de salto alto é caracterizar novos agentes, de novos olhares, buscando outras proposições acerca das relações humanas e de sociedade como um todo” (Reidel, 2013, p. 48) que, conseqüentemente, podem ser encaradas a partir de uma perspectiva também libertadora, como propõe bell hooks.

O termo salto alto é aplicado como uma referência à feminilidade e não necessariamente ao uso do objeto em si por parte de professoras trans* e travestis, mesmo estas sendo as fazedoras desta pedagogia, a proposta quer chegar também em outros campos. O salto alto pode ser calçado por qualquer profissional da educação que tem comprometimento com a educação como prática de liberdade (Reidel, 2013), que valoriza as diferenças e incentiva o respeito a elas.

Essa sensibilidade é comum a mim e às professoras trans* e travestis entrevistadas por Seffner e Reidel (2015). Aqui evidencia-se o teor coletivo presente nas *traveções* e também em *transvessias* que não se restringem somente as minhas:

A escola foi um lugar de muito sofrimento e humilhação para todas elas, e foi assinalado nas entrevistas que elas retornaram a este ambiente como professoras, e que por terem sofrido são mais capazes de entender o sofrimento de muitos alunos, mesmo em casos que não são de humilhação por questões de gênero e sexualidade, mas por inconformidade com o corpo, preconceitos por questões de raça ou classe, brincadeiras e chacota por conta de pertencimento religioso ou agregado familiar (Seffner; Reidel, 2015, p. 450).

Entendendo que nossa presença, enquanto professoras trans* e travestis em espaços de poder como a escola é um incômodo – mesmo que muitas vezes, velado – precisamos internalizar a ideia de que, mesmo estando sozinhas, cada uma em sua escola, não estamos sozinhas de fato. Por mais que “[...] a todo momento a escola tenta tirar a gente de dentro dela. Eles tentam nos expulsar, porque eles acham que esse espaço não é nosso. A todo momento. E a todo momento você tem que mostrar que esse espaço é seu também. Como é meu, como é seu, de todo mundo” (Souza, 2023, p. 20) e “[...] lembrar de si mesma é sempre ver a si mesma como um corpo num sistema que não se acostumou com a sua presença ou com a sua dimensão física” (hooks, 2017, p. 181), não devemos esmorecer e esquecer das motivações que nos trouxeram até onde estamos e de tudo o que passamos para chegarmos aonde queríamos.

Diante dessa realidade que atinge nossas vivências, não esmorecer e continuar lutando é uma resposta ao que o sistema deseja: que as coisas continuem do jeito que estão. Encarmos a realidade e transformá-la a partir das possibilidades que se apresentam *conversa com* a ideia de educação transgressora proposta por bell hooks:

A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (hooks, 2017, p. 273).

Pode soar até pessimista reduzir nossa existência a lutas constantes para sobrevivermos, mas se hoje usamos o salto alto na escola, foi porque muitas abriram os caminhos para nós. Nossas *transvessias* acabam tecendo redes que formam espirais que têm a intenção também de nos levar a um mundo onde sejamos respeitadas de fato. Nossas lutas, assim como as das que vieram antes de nós e daquelas que ainda virão depois de nós, farão esse mundo, uma realidade.

Cada ponto de encontro nessa rede trans* e travesti é cheio de ‘*conhecimentosignificações*’. Um desses pontos pode ser representar, por exemplo, a visibilidade que estamos tendo, como já citado anteriormente, mesmo diante de um cenário que insiste em nos empurrar para um lugar onde querem que estejamos, mas que não queremos mais estar. Esse conflito se constitui como um elemento da pedagogia do salto alto (Reidel, 2013) e apresenta a amplitude da proposta a ponto de não estar presente somente na escola, mas em outros âmbitos:

Da mesma forma que essa pedagogia do salto alto está inserida dentro do contexto escolar, ela avança para uma nova performance, muito além do previsto. Quando vejo professoras transexuais e travestis em eventos da área da Educação, percebo que tal pedagogia é uma forma de tornar visível uma população que até bem pouco tempo servia apenas como objeto de estudo (Reidel, 2013, p. 49).

Ainda nos debruçando sobre reflexões produzidas a partir dos desdobramentos que a ocupação de pessoas trans* e travestis em ‘*espaçostempos*’ socialmente relevantes fazem acontecer, importante frisar que os conflitos se dão porque incomodamos – que aqui não deve ser entendido como negativo – onde quer que estejamos e, este incômodo, também se faz presente na pedagogia do salto alto: “Uma pedagogia do salto alto provoca um mal-estar no conservadorismo e no tradicionalismo [...]” (Reidel, 2013, p. 50).

Percebe-se então, que nosso comprometimento com a Educação se dá não só através de nossa dedicação e práticas em sala de aula, mas também pelo fato de estarmos ali. Nossa presença nesses ‘*espaçostempos*’ contribui para que temáticas que não são abordadas como deveriam ganhem espaço na escola, proporcionando um ambiente que vai além da transmissão de conteúdo:

[...], a escola é um espaço para as construções de novas aprendizagens, convivências, produções de conhecimentos, sobretudo se forem ali provocados temas e discussões sobre as diferentes culturas, valores, representações e práticas ligadas à homofobia, preconceito e violências de todas as ordens (Reidel, 2013, p. 46).

Intervir em situações de violência é algo muito presente na minha prática enquanto professora. Comentários preconceituosos disfarçados de ‘piadinhas’, ‘brincadeirinhas’ são reflexo daquilo que estudantes escutam em casa, na rua ou consomem na internet. Diante de situações como essa é necessário pensar sobre o que acredito e o que desejo enquanto professora: “Ciente de que vivemos numa cultura de dominação, me pergunto agora, [...], quais valores e hábitos de ser refletem meu/nosso compromisso com a liberdade” (hooks, 2017, p. 41).

Uma vez alguém em sala de aula soltou esse comentário: “Ah, eu sou uma *frost free*, porque eu me identifico como uma geladeira”. Isso me acertou precisamente por ser uma provocação, até porque as pessoas costumam usar o termo identificar-se quando falam de gênero. Não sei de que maneira surgiu o comentário. Porém, essa situação me levou a muitos lugares em um tempo de aula. Uma *transvessia* de pensamentos sobre minha atuação enquanto professora, sobre meus sentimentos e preocupações ao escutar aquilo. O fato é que, lidando com tudo isso ao mesmo tempo, eu tive que intervir. E não é somente em situações que dizem respeito às questões inerentes a mim mesma, mas também nas quais ferem a dignidade das outras pessoas. Mesmo em saber, minha atitude diante desses acontecimentos, é uma prática pedagógica do salto alto:

Mediar as situações de homofobia que ocorrem no ambiente escolar, bem como outras formas de discriminação de gênero e sexualidade – e até mesmo de violência escolar, atualmente nomeada como *bullying* na escola – pode ser um dos papéis fundamentais desta pedagogia do salto alto, pois, a medida que as professoras *trans* intervêm em atos e ações homofóbicas, necessariamente passam a agir em consonância como direito de cada um conviver em um espaço único independente da sua orientação sexual, religiosa ou étnica (Reidel, 2013, p. 53-54).

Essa intervenção não costuma ser rígida, autoritária ou segregadora, pois aprecio muito a importância que o afeto, presente nas relações que se constroem em qualquer ambiente, principalmente em sala de aula, tem no processo de *‘ensinoaprendizagem’*: “Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e íntimo” (hooks, 2017, p. 25).

Retorno aos tempos em que fui estudante e lembro que eu não me interessava nem um pouco sobre o que falavam as/os professoras/es que mantinham uma postura de afastamento, que só passavam conteúdo e não criavam em sala de aula um ambiente onde eu podia ser quem eu era, me sentir parte do que estava acontecendo ali e que eu também podia contribuir com algo, mesmo não sabendo disso, pois não era incentivada a tal feito. Hoje, como professora, entendo que as/es/os estudantes ali também têm sentimentos e bagagem intelectual a partir de suas vivências e que estas devem ser respeitadas e acolhidas. Assim, como elas/us/es me proporcionam isso, do jeitinho delas/us/es, eu também devo oferecer isso a elas/us/es, do meu jeitinho:

Se eles não gostam de mim, eles não aprendem. Então existe essa relação de afeto e aprendizagem. Por mais que eu dê broncas, que não foram poucas. Quatro anos juntos forma broncas diárias, então existe essa relação. Se ele não gosta do professor, ele não vai aprender, e aluno que está nem aí não vai aprender mesmo (Souza, 2023, p. 12).

Em tempos em que a polaridade política é gritante, precisamos cultivar práticas que favoreçam a escuta e o diálogo, consequentemente gerando aproximação e profundidade, fazendo que a relação com esse conhecimento que se constrói em sala de aula seja realmente significativa, que de fato vá além:

A prática do diálogo é um dos meios mais simples que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças (hooks, 2017, p. 174).

Travecar a sala de aula é fazer dela um *‘espaçotempo’* onde o diálogo é cultivado e mantido. E, assim como toda *travecação*, é uma prática que demanda tempo: é um processo. E nenhum deles é fácil. É um processo exigente pois, ao mesmo tempo em que me é oferecida a oportunidade de falar nem sempre aprendo a escutar as outras pessoas e o que elas têm a dizer – o que é indispensável para que o diálogo de fato aconteça: “No

que se refere às práticas pedagógicas, temos de intervir para alterar a estrutura pedagógica existente e ensinar os alunos *a escutar, a ouvir uns aos outros*” (hooks, 2017, p. 200).

Uma turma barulhenta, para algumas pessoas que acreditam que o silêncio é sinal de ordem e disciplina, pode ser interpretada como um reflexo da maneira que a/e/o profissional que ali está trabalha: não tem pulso, não sabe lidar com a turma, não tem ‘moral’. Porém, eu acho que o barulho pode ser encarado como algo pedagógico ou que favoreça esse intento. Convenhamos, muito difícil encontrar turmas que sejam silenciosas, ainda mais, nessa faixa etária. E as conversas paralelas, querendo ou não têm suas riquezas e, quase sempre, são a partir delas que surgem as possibilidades de intervir. Às vezes, é importante olhar certas situações de outras perspectivas. Porém, não é fácil.

Quando comecei a trabalhar nessa escola, eu me preocupava muito com o fato de não perder o controle da sala de aula. O que ainda é reforçado, inclusive, por colegas que constantemente falam sobre o quanto são respeitadas/os por serem rigorosas/os em sala de aula e que as/es/os estudantes devem ser tratados dessa forma pois não aprendem. Mas comecei a refletir se o rigor, nesse sentido de controlar e inibir, são de fato garantidores de aprendizagem. O fato de ter o controle na sala de aula pode não favorecer oportunidades de lidar com questões que surgem a partir de uma troca entre as/es/os alunas/es/os em sala de aula num momento de ‘bagunça’, conforme bell hooks afirma: “[...], esse medo de perder o controle molda e informa o processo pedagógico docente na medida em que atua como barreira que impede todo o envolvimento construtivo com as questões de classe social” (hooks, 2017, p. 250).

Então, a partir de cada situação, fui aprendendo a lidar com isso, peneirando o que fazer quando a ‘bagunça’ que tem sua potência se transformava em desrespeito: “[...] não vou dizer que criança não é bagunceira, mas quando falta com respeito eu não gosto, pois eu não trato ninguém sem respeito” (Souza, 2023, p. 13).

Sou orientada a encaminhar as/es/os bagunceiras/es/os para a sala da pedagogia ou direção. Mas geralmente nunca o faço na primeira vez, assim como a professora travesti Herbe de Souza: “Não gosto de mandar para a diretoria, tento resolver aqui na sala, nem que tenha que tirar para o corredor e conversar um pouco” (Souza, 2023, p. 13). A escolha em resolver em sala de aula situações que passam do limite com seriedade e afeto é importante pois se torna uma ocasião de pôr em prática o que estamos acompanhando por aqui: “[...], a sala de aula deve ser um lugar onde as coisas são ditas a

sério – não sem prazer, não sem alegria – mas a sério para serem levadas a sério” (hooks, 2017, p. 201).

E a seriedade nos leva a questão do poder que exerço em sala de aula enquanto professora. Como vimos, por diversas questões, sou a adulta de referência naquele lugar. O que fazer com o poder que tenho em mãos?

[...] o poder não é negativo em si. Dependia do que se faz com ele. Cabia a mim criar meios construtivos dentro do meu poder profissional, exatamente por estar ensinando dentro de estruturas institucionais que afirmam ser aceitável usar o poder para reforçar e manter as hierarquias coercitivas (hooks, 2017, p. 249).

Refletir e escolher usar taticamente o poder que tenho a favor do que aprendi através das minhas vivências – das quais meus estudos e processos formativos enquanto professora e também ser travesti fazem parte – e do que acredito que seja educativo é fundamental para minha prática pedagógica travesti na escola e, principalmente em sala de aula: “Entendemos que a escola, estatal ou não, pertence ao público e é lugar de discursos que lutam para influenciar o processo de ensino e aprendizagem dos cidadãos e das cidadãs” (Reidel, 2013, p. 43).

O discurso é muito bonito, não é? Mas, na realidade, a prática se constitui sempre como um desafio. Esse acreditar, permeado pelas motivações que me fazem lutar – sim, lutar – por meus ideais enquanto pessoa e profissional, não é fácil de ser mantido e renovado. Nem sempre estou disposta a trabalhar como uma professora engajada ou nem sempre me sinto bem quando me disponho a intervir trazendo questões que acho necessárias em momentos específicos, mas que me machucam demais por eu não estar bem naquele dia em que preciso agir. Então, percebo que precisamos ser gentis conosco mesmas/es/os. Reconhecer que não é fácil, que são dias e dias, que isso também faz parte do nosso processo enquanto professoras/es e que nem sempre estar bem significa sucesso. bell hooks, sobre isso, afirma que:

ao reconceitualizar a pedagogia engajada, tive de perceber que nosso propósito aqui não é o de nos sentirmos bem. Há aulas ou turmas de que nós gostamos, mas em geral será difícil. Temos de aprender a apreciar também a dificuldade como um estágio no desenvolvimento intelectual. Ou aceitar que aquele sentimento gostoso, confortável, pode às vezes bloquear a possibilidade de darmos espaço aos alunos para sentirem que existe uma integridade a ser cultivada no ato de lidar com um material didático difícil, que esse material seja fornecido por narrativas confessionais, quer por livros, quer por discussões (hooks, 2017, p. 206).

Entender essas dicotomias próprias de qualquer processo, de que num contexto teórico é aparentemente mais fácil do que na prática, ou do que constitui a ideia do binarismo de gênero, vêm sendo relevante demais na construção da professora e da travesti que estou sendo. Por um lado, o sistema quer me empurrar, profissionalmente, ao lugar de me incomodar com fatores como a desvalorização, o descaso das autoridades, salário não correspondente ao trabalho que tenho e, por não ter incentivos a melhorar meu trabalho, me empurra a escolher somente fazer o que tem que ser feito: passar o conteúdo, dar notas que aprovem, estar em dia com as obrigações burocráticas.

Ao mesmo tempo, e por outro lado, o sistema quer também me empurrar, existencialmente, ao lugar de marginalidade, exclusão, anulação: não ter meus pronomes respeitados e não ter minha identidade enxergada e tantas outras violências que nos atingem enquanto pessoas trans* e travestis.

Minhas escolhas em relação ao que o sistema faz comigo reverberam não somente na minha vida pessoal, mas na escola e na sala de aula. Voltemos à luta, já que ela é uma das saídas que encontro para não ceder às vontades do sistema sobre meu corpo. Porém, é importante ter como aliado nessa luta, o conhecimento. Conhecer meus direitos e persegui-los quando necessário. Conhecer os alcances que minha prática tem em sala de aula. Conhecer as potencialidades que as/es/os estudantes têm e valorizá-las. Esses conhecimentos tem o poder de me levar a outros, inclusive, o de superar as dicotomias que me incomodam:

A busca de um conhecimento que nos permita unir teoria e prática é uma dessas paixões. Na medida em que os professores contribuem com essa paixão, que tem de ser baseada fundamentalmente num amor pelas ideias que conseguimos inspirar, a sala de aula se torna um lugar dinâmico onde as transformações das relações sociais se atualizam concretamente e a falsa dicotomia entre o mundo exterior e o mundo interior da academia desaparece (hooks, 2017, p. 258).

Depois de tantos acontecimentos é possível escutar um som que é aguardado por todas/es/os na escola: a camp! Mais um dia de *travecações* e *transvessias* finaliza. A pressa de voltar para casa depois de uma tarde com muitos aprendizados é entendível. Algumas crianças de despedem já correndo em direção a porta, outras dão um abraço, entregam cartinhas ou desenhos com dizeres carinhosos, outras dizem que aguardam a próxima aula, outras apenas vão embora. A sensação de que mais um dia de trabalho termina é sempre satisfatório pois o momento de descansar finalmente está mais perto.

Sei que meu trabalho não apresenta frutos repentinos. Tudo é um processo. Muitas pessoas passam por nossas vidas, todos os dias, todos os anos e é muito bom acompanhá-las depois do período escolar. Não tenho o poder de mudar completamente ninguém com minhas práticas pedagógicas – nem é minha intenção –, tenho muita consciência disso, mas ‘jogo as sementes’, acreditando que um dia elas irão florir, e quando tenho a oportunidade de ver essas flores eu fico muito feliz, porque elas simbolizam que a pessoa “[...] não é aquela pessoa preconceituosa, porque já passou pelo meu caminho” (Souza, 2023, p. 18).

Ao sair da sala de aula, numa sexta-feira, já com os corredores se esvaziando, penso como seria bom ter outra pessoa trans* e travesti trabalhando comigo. Fofocaríamos tanto, compartilharíamos nossas vivências, choraríamos e riríamos juntas/es/os. Realidades que ainda não se materializaram onde trabalho. Mas quando vejo as pessoas trans* e travestis que acompanho nas redes sociais e que trabalham na área da educação prosperando em seus trabalhos, colaborando com suas pesquisas, palestrando em eventos nacionais e internacionais sinto felicidade e o desejo de ser como elas/us/es. E que um dia nossa presença nas escolas, independente da função que ocupemos, vai ser muito mais comum, tornando-se este também um *‘espaçotempo’* onde “[...] faremos história com as nossas próprias histórias e que a pedagogia consiga correr, mesmo que de salto alto, atrás do sonho de um país que nos olhe e nos respeite como educadoras que somos” (Reidel, 2013, p. 107) e seremos.

CONSIDERAÇÕES OU *CHEGANDO EM CASA*

Bem, no trajeto de volta, depois de cinco tempos de aula, a professora travesti já não se preocupa tanto com as conversas que surgem a cada passo dado. Foram muitas as que surgiram durante sua jornada de trabalho. Os passos apressados levam um corpo que só pensa em chegar em casa, só pensa em descansar.

Acabo de chegar da escola, faço carinho nas companhias que tenho, meus gatinhos, o Ney Matogrosso e a Gal Costa, enquanto tiro a rasteirinha. Deixo a mochila num canto e me jogo no chão. E tudo aquilo que apareceu durante a caminhada rumina. Olhares, dizeres, gestos, silêncios... Antigamente, essa espécie de meditação se ocupava em uma análise de ações referentes à moral: se eu tinha sido uma boa pessoa, se cumpri bem meu trabalho ou se deixei alguma oportunidade de ajudar alguém passar. Hoje, ela se detém em outras questões. Ela se despende em autocuidado, em gentileza, em tornar consciente o que foi bom e em realçar o acalento e as alegrias de mais um dia que passou, devo me apegar a isso “[...] porque a vida da mulher trans e travesti é difícil no Brasil” (Souza, 2023, p. 15).

Chegando em casa, percebo que toda *transvessia*, independente de quem a percorre, traz com ela suas riquezas e desafios. Ter essa percepção no sentido coletivo me ajuda a entender que meu corpo e a presença dele nesse caminho – e não só nele, mas na minha família, na escola onde trabalho, na universidade em que estudo, no shopping quando vou ao cinema, na feira, no carro, nas minhas redes sociais, em todo lugar ou meio em que eu esteja presente – significa muito. Ainda mais quando vejo outros corpos trans* e travestis na escola, entre as/es/os estudantes que encontro, construindo suas *transvessias*, que se percebem nesse ‘*lugarmovimento*’ em busca de poder ser quem são e estar onde querem estar, sem sofrer qualquer tipo de violência, sem medo de não serem acolhidas/es/os e amadas/es/os, eu fico feliz, muito feliz.

Essa pesquisa passou por inúmeras transformações. O intervalo de tempo em que a fui produzindo foi grande. E a pesquisa, acaba sendo também um retrato ou um espelho de quem venho me tornando. No início, minhas *transvessias* eram marcadas por indiferença e abjeção. Mesmo sendo algo muito difícil para mim, fui buscando maneiras de me fazer conhecida, primeiramente pelo meu trabalho, taticamente, na intenção de criar aberturas para que outras pessoas pudessem me enxergar como sou/somos e a partir daí entender que, por ser/sermos pessoa/s temos dignidade e merecemos respeito.

Hoje, quase um ano e meio depois que comecei a escrever me vejo de outra maneira, ler minhas inquietações e vivências de antes e encará-las de maneira diferente mostra o quanto amadureci tanto no que diz respeito as minhas *travecações* e a minha atuação enquanto professora, ou talvez tenha me tornado um pouco mais impaciente com algumas questões: “Ser trans me obrigou a amadurecer rápido demais no que se refere a autoconhecimento, mas me manteve pueril e insegura nas relações mais próximas de minha vida” (Portero, 2023, p. 173).

Todos os dias continuam a ser encarados como novidade. Os rituais matinais ainda ocorrem, porém hoje as mudanças são mais visíveis que antes. Mas:

ainda olho tudo com estranhamento. [...] Abre-se um espaço para o trânsito entre o gênero feminino [masculino, no meu caso] que me foi designado e esse novo gênero que aparece sutilmente em mim e que, sem dúvida, não pode ser reduzido ao masculino [feminino]. O corpo de antes e esse que se fabrica agora a cada dia (Preciado, 2020, p. 205).

A partir disso, depois de tanto caminharmos, podemos refletir sobre a pergunta que motiva a pesquisa – e não necessariamente, respondê-la: como as *travecações* e *transvessias* vividas por uma professora travesti, narradas a partir dos cotidianos escolares, produzem deslocamentos epistemológicos, pedagógicos e existenciais na educação?

As *travecações* e as *transvessias* surgem como uma invenção epistemológica, criação. Portanto, as respostas ou resultados que se esperam de um trabalho acadêmico como este, num sentido mais tradicional, certamente não serão aqui encontrados. Na verdade, é necessário entender que ambas as invenções, possibilitadas através da conversa com minhas vivências e as pesquisas ‘*nosdoscom*’ os cotidianos, podem ser lidas, experimentadas ou sentidas como uma contrarresposta, um posicionamento contra uma conclusão e a favor da continuidade, do movimento.

Um corpo trans* e travesti se constitui como um afronte – também uma contrarresposta –, um movimento contrário ao que é estabelecido como norma, enrijecida e cristalizada: o binarismo que constitui a cisnormatividade. Elemento perigoso não só aos corpos trans* e travesti, mas para todas as pessoas que não se encaixam nessa forma:

A violência cismasculina é uma arma transversal de normalização de gênero e controle social. Ela afeta não apenas mulheres cis e corpos não heterossexuais e trans, mas também os próprios homens cisgêneros que têm de alcançar esses

graus ideais de virilidade a fim de cumprir com aquilo que a normalidade de gênero requer (Mombaça, 2021, p. 69).

Trançando os fios que compõe as relações que se fazem entre como meu corpo é lido socialmente e minhas *travecações* e *transvessias*, que podem ser interpretadas como as leituras que meu corpo faz da sociedade, podemos chegar a muitas linhas soltas que tornam essa pesquisa como possibilidade de outras criações.

Uma dessas linhas se refere ao princípio, ao período antes da escrita, do pensar em como e para quem escrever. Ao iniciar esta pesquisa, tentei visualizar em cada palavra, em cada construção de sentido, as pessoas que gostaria que a lessem. Optar por uma escrita menos rígida, que não exigisse de leitoras/es um conhecimento acadêmico específico; a fluidez que parte das minhas próprias vivências, e pela conversa com o que une minha existência com a de outras pessoas como eu, foram opções conscientes que podem se configurar como uma maneira de luta e resistência.

Quando escrevo, não escrevo para as minhas e os meus. Mais que escrever para elas/us/es, escrevo *com* elas/us/es. Na verdade, escrevemos àquelas/es que trabalham na área da Educação e que por muitos motivos reproduzem violência contra nossos corpos LGBTQIAPN+. Seja por ser mais cômodo, seja por ignorância, seja por falta de incentivos formativos, seja por ideologias nefastas, independente do motivo que seja. Essa pesquisa é um afronte assim como nosso corpo trans* e travesti é considerado pelas pessoas a quem queremos, de fato, chegar.

Esse fio solto, como tática, assume o sentido certeuniano (2014, p. 95): o de criar surpresas, conseguir estar onde ninguém espera, ser astuta. Uma dessas táticas, que se faz presente não só na pesquisa, mas além dela, é revidar as violências a nós impostas usando como arma as bonitezas que são as *travecações* e as *transvessias* e todas as experiências que delas surgem e que aqui estão registradas:

Somos ensinadas a não reagir à violência que nos interpela ao mesmo tempo em que somos bombardeadas por ameaças e narrativas de brutalidade contra nós. [...] É fundamental que abandonemos a posição de vítima – mesmo quando o Estado, a polícia, o branco e o homem cis têm historicamente demonstrado sua incapacidade de abandonar a posição de agressor. Não há saída senão aceitar de uma vez por todas que fomos inscritas numa guerra aberta contra nossa existência e a única forma de sobreviver a ela é lutar ativamente pela vida (Mombaça, 2021, p. 79).

Uma das maneiras que encontrei de reagir, taticamente, além de estar num lugar onde ninguém espera que uma travesti esteja – sendo professora na escola pública,

estando na universidade – é a de ter escrito essa pesquisa. Minha forma de não me conformar, de não ser indiferente com o que nos afeta e nos atravessa enquanto população trans* e travesti, é escrevendo juntas/es/os:

Ao tatear a possibilidade de uma coletividade forjada no movimento improvável de um estilhaçamento, vai ser sempre necessário abrir espaço para os fluxos de sangue, para as ondas de calor e para a pulsação da ferida. Politizar a ferida, afinal, é um modo de estar juntas na quebra e de encontrar, entre os cacos de uma vidraça estilhaçada, um liame impossível, o indício de uma coletividade áspera e improvável. Tem a ver com habitar espaços irrespiráveis, avançar sobre caminhos instáveis e estar a sós com o desconforto de existir em bando, o desconforto de uma vez, juntas, tocarmos a quebra umas das outras (Mombaça, 2021, p. 26).

As *‘travecações’* e as *‘transvessias’* nascem do reconhecimento de que é importante reconhecer que os desafios e dificuldades que envolvem nossas vivências, também compõem essas bonitezas. Pois são delas que vem a força que nos faz continuar lutando, resistindo, ocupando, sobrevivendo e criando:

Aprender a defender-se requer a elaboração de outras formas de perceber a própria fragilidade. Há estratégias, técnicas e ferramentas que somente uma corporalidade e uma subjetividade capazes de habitar a fragilidade conseguem desenvolver. Autodefesa não é sobre bater de volta, mas também sobre perceber os próprios limites e desenvolver táticas de fuga, para fugir quando necessário. É também sobre aprender a ler as coreografias da violência e estudar modos de intervir nelas. É sobre furar o medo e lidar com a condição incontornável de não ter a paz como opção (Mombaça, 2021, p. 79-80).

Na escola – e não só neste *‘espaçotempo’* específico –, a vivência trans* e travesti também é atravessada por violências, como já foi citado em alguns trechos dessa dissertação. Acredito que nós, pessoas trans* e travestis, vamos criando modos de intervenção contra elas, independente dos *‘espaçotempos’* que ocupamos – seja a rua, a esquina, o salão de beleza, a escola, o hospital, a câmara dos deputados etc. – do nosso jeito, na tentativa de sermos respeitadas/es/os.

As *travecações* e as *transvessias* na escola mostram a complexidade que a envolve, no sentido de que, ao mesmo tempo em que enfrento um certo preconceito e não reconhecimento por parte de algumas e alguns colegas professores, sou extremamente acolhida, respeitada e amada pelas/os estudantes: adolescentes de 11 a 15 anos de idade. O afeto, como vimos, é um dos elementos fundamentais e que estão presentes na prática pedagógica das professoras trans* e travestis que me ajudaram a tecer essa pesquisa. Ainda

vou além, na perspectiva de que o afeto alimenta o mergulhar com todos os sentidos em sala de aula.

Compartilhar não só aquilo que se sabe, mas também o que se vive. Se acredito que a educação deve ser libertadora minhas ações devem ter esse fundamento como base. E sentir que pequenas ações diárias, como reflexões individuais sobre a construção que é ser professora e tentativas de estar mais presente, impondo limites sem desrespeitar ninguém, inclusive a mim mesma, são também elementos de *'ensinoaprendizagem'*. Penso que mergulhar com todos os sentidos em sala de aula exige coragem porque para tal atitude, precisamos ser verdadeiras/es/os conosco mesmas/es/os. As *travecações* partem dessa experiência de encontro consigo, de se permitir ser e entender sentindo que a realidade não é fácil. Se incomodar – e não se acomodar – com o que é normativo, cristalizado. Mergulhar para sentir, olhar, tocar, cheirar, degustar, caminhar, entender, pensar, questionar em si para encontrar a si mesma/e/o.

Dar um toque de importância a esse processo existencial, de encontro consigo mesma/e/o, nos leva também ao encontro da/e/o outra/e/o e revela a coletividade inerente aos conceitos aqui propostos e que deve ser encarada como um convite a refletir sobre a criação de novas pedagogias. Em tempos em que o individualismo e alguns efeitos não tão positivos causados pelas redes sociais nas/nos adolescentes – ansiedade e depressão, por exemplo – são gritantes, se tornam urgentes abordagens pedagógicas que resgatem e valorizem os sentimentos e as potencialidades que existem em pertencer a um coletivo, uma comunidade.

Empatia, respeito e solidariedade, por exemplo, muito mais que valores, são posturas que precisam ser *'ensinadasaprendidas'*, *'conhecidaspraticadas'* – também em sala de aula, mas não só nela – para a construção de uma sociedade menos desigual e mais coletiva. As diferenças que existem entre todas/es/os nós não devem ser encaradas como algo a ser temido, mas na verdade admirado. Romper com as normas, também presentes e reproduzidas muitas vezes por algumas pedagogias, que há tempos apontam as diferenças como o que nos separa, mas são elas quem trazem o que temos de comum e valioso: a unicidade. São as diferenças que nos tornam quem somos.

A pesquisa ainda destaca a importância de se reconhecer que as vivências trans* e travestis se constituem também como conhecimento, e que se dá aqui a partir de uma das muitas narrativas que pertencem à nossa população, que por muito tempo e por diversas opressões não puderam contar suas histórias, sob suas próprias perspectivas.

Nem sempre, pesquisadoras/es conseguem encontrar “soluções concretas para problemas concretos dos cotidianos escolares” (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p. 33) portanto a narrativa e o seu valor social surgem “a partir de múltiplas e complexas relações humanas e que se expressam para muito além de textos escritos” (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p. 33).

A medida em que nós, pessoas trans* e travestis, ocupamos ‘*espaçotempos*’ como a escola, a universidade e tantos outros que nos foram negados e continuam a ser, nossas vozes contribuem para a criação de novos sentidos sobre o que acreditava-se já estar dado: “Literaturalizar a ciência se constitui, portanto, em um movimento de romper tanto com um sujeito anônimo de uma linguagem supostamente neutra, como de autorizações dadas para falar ou por alguém colocado em uma única posição” (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p. 33).

Como uma espécie de ‘retomada epistemológica’, de incentivar o contar histórias a partir das narrativas de vivências de quem as viveu e ainda vive, essa pesquisa se caracteriza por esse movimento de criação de novos processos: “É preciso criar uma nova organização de pensamento e novos processos a partir daquelas lógicas sempre vistas como inferiores ou pouco lógicas, e mesmo não lógicas, perguntando até se são ou precisam ser lógicas” (Alves, 2001, p. 8).

E essa contação de história, que se propôs a contribuir não seguindo uma lógica, vai terminando por aqui, assim como o término de mais um dia pertencente ao meu cotidiano. Escutei alguma vez, quando ainda estava no seminário, sobre a relação que existe entre as 24h do dia e a vida. Assim como esta última, o dia nasce, acontece, se desenrola e chega à noite, o seu fim. E aí dormimos, com a vontade de que o dia seguinte, seja melhor do que o passou. Uma nova chance. Não que isso faça muito sentido para mim hoje, mas quando um dia acaba e estou prestes a dormir, eu sempre aposto em acreditar que um novo dia virá. E mesmo que ele não venha, o que vale de fato é que há esperança, há vontade de viver, há coisas que ainda precisam ser escritas, novas *travecações* e *transvessias* a serem criadas, novas lutas e invenções, afetos a serem vividos, mergulhos a serem feitos, contrarrespostas e normas a quebrar...

Deixo muitos fios soltos a serem usados da maneira que você, leitora, leitor ou leitor quiser. “Concluo” desejando que a visão que tenho do pôr-do-sol cor de caju daquela varandinha compartilhada onde moro, cortada por um emaranhado de fios elétricos e postes, de onde também vejo casas e árvores, possa ser traduzida, ilustrada, sentida por

quem chegou até aqui. E “para cada pessoa cisgênera que olha a si e se vê como norma, e assim olha o mundo e o vê como espelho, deixo o seguinte recado: nós vamos desnaturalizar sua natureza, quebrar todas as suas réguas e hackear sua informática da dominação” (Mombaça, 2021, p. 75).

“Credo que delícia como é bom ser travesti” (Quebrada, 2021).

REFERÊNCIAS

ALVES, N. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. *In*: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas** – sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

ALVES, N. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. *In*: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas** – sobre rede de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ANDRADE, N.; CALDAS, A. N.; ALVES, N.; Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles. *In*: OLIVEIRA, I. B.; PEIXOTO, L. F.; SÜSSEKIND, M. L. (orgs.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-45.

BARROS, L. Do casulo ao céu. [Entrevista concedida a] Ariel Fagundes. **Noize**, Porto Alegre, n. 177, 2021.

BENEVIDES, B. G. **Dossiê**: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023. Brasília, DF: Editora Drag, 2024. Disponível em: <https://antrabrazil.org/wp-content/uploads/2024/01/dossieantra2024-web.pdf>. Acesso em: 13 set. 2024.

BRASIL pode enfrentar ‘apagão de professores’ em 2040, diz pesquisa. **G1**, 29 set. 2022. Educação. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/09/29/brasil-pode-enfrentar-apagao-de-professores-em-2040-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 14 fev. 2025.

NOGUEIRA, S. Apresentação. *In*: CANTELLI, A. L.; NOGUEIRA, S. (orgs.). **Memórias e narrativas das professoras travestis, mulheres trans e homens trans na educação**. IBTE – Instituto Brasileiro Trans de Educação, 2018. Disponível em: <https://observatoriotrans.org/biblioteca>. Acesso em: 12 fev. 2025.

CAPELLI, P.; VIANA, P. Prefeitura investiga professora trans por se vestir de Barbie em aula. **Metrópoles**, 13 fev. 2025. Colunas. Disponível em: https://www.metropoles.com/colunas/paulo-cappelli/prefeitura-investiga-professora-trans-por-se-vestir-de-barbie-em-aula#google_vignette. Acesso em: 20 fev. 2025.

CEDEC – Centro de Estudos de Cultura Contemporânea. **Transver o mundo**: existências e (re)existências de travestis e pessoas trans no 1º mapeamento das pessoas trans no município de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2021. Disponível em: <https://www.cedec.org.br/mapeamento-da-populacao-trans-no-municipio-de-sao-paulo/>. Acesso em: 2 mar. 2024.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. As artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

- SOUZA, H. A. Sim... eu sou travesti! Entrevista com a professora Herbe de Souza. [Entrevista concedida a] Rogério Drago, Jamille Panetto Blandino Gobetti e Laise Amorim da Luz. **Educação: Teoria e Prática**. Rio Claro, SP. v. 33, n. 66. 2023.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- LEMOYNE, J. B. **Memórias Biográficas de São João Bosco**. Vol. III. Brasília: Edebê, 2019.
- KULICK, D. **Travesti: prostituição, sexo e gênero no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2008.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.
- MOIRA, A.; BRANT, T.; ROCHA, M.; NERY, J. W.; **Vidas trans**. 2. ed. Bauru: Astral Cultural, 2022.
- MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- NASCIMENTO, L. C. P. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- PEIXOTO, L. F. Currículos e provocações queer. *In: Seminário Internacional Fazendo Gênero: Desafios Atuais do Feminismo*, 10, 2013. Anais eletrônicos [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. p. 1-9. Disponível em: https://www.fg2013.wwwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373338663_A_RQUIVO_fazendoogenero_CURRICULOS_E_PROVOCACOES_QUEER.pdf. Acesso em: 10 fev. 2025.
- PEIXOTO, L. F. Pesquisas (auto)biográficas indígenas como táticas historiográficas contra-hegemônicas. *In: OLIVEIRA, I. B.; PEIXOTO, L. F.; SÜSSEKIND, M. L. (orgs.). Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CRV, 2019. p. 143-154.
- PORTERO, A. **Mau hábito**. Rio de Janeiro: Amarcord, 2023.
- QUEBRADA, L. **Pense & dance**. São Paulo: Altafonte, 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/46D13WjTPaTwGMkLrPEhug?si=b156889d8ab8488c>. Acesso em: 8 jul. 2023.
- PRECIADO, P. B. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

REIDEL, M. **A pedagogia do salto alto**: histórias de professoras transexuais e travestis na educação brasileira. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

REIDEL, M. Preconceito está nos professores e não nos alunos, diz docente transexual. [Entrevista concedida a] Cristiane Capuchinho. **UOL**, São Paulo, 20 fev. 2014. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2014/02/20/preconceito-esta-nos-professores-e-nao-nos-alunos-diz-docente-transexual.htm>. Acesso em: 16 fev. 2025.

ROTONDANO, E. V. “Trabalho de formiguinha”: formação continuada de docentes em sexualidade na rede municipal de educação em Manaus. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 39, e20723, 2023.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Rio Grande do Sul, v. 20, p. 71-95, jul./dez. 1995.

SEFFNER, F.; REIDEL, M. Professoras travestis e transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 2, p. 445-464, 2015. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss2articles/seffner-reidel.htm>. Acesso em: 5 fev. 2025.

QUINALHA, R. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

VILLADA, C. S. **O parque das irmãs magníficas**. São Paulo: Planeta, 2021.

VILLADA, C. S. **A namorada de Sandro**. São Paulo: Planeta, 2024.

YORK, S. W.; OLIVEIRA, M. R. G.; BENEVIDES, B. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 3e75614, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/75614>. Acesso em: 4 fev. 2025.

YORK, S. A Travesti da/na educação. [Entrevista concedida a] Daniel Trajeiro Cara. **Educação**, v. 45, n. 1, e110, 1-35, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/58266>. Acesso em: 4 fev. 2025.